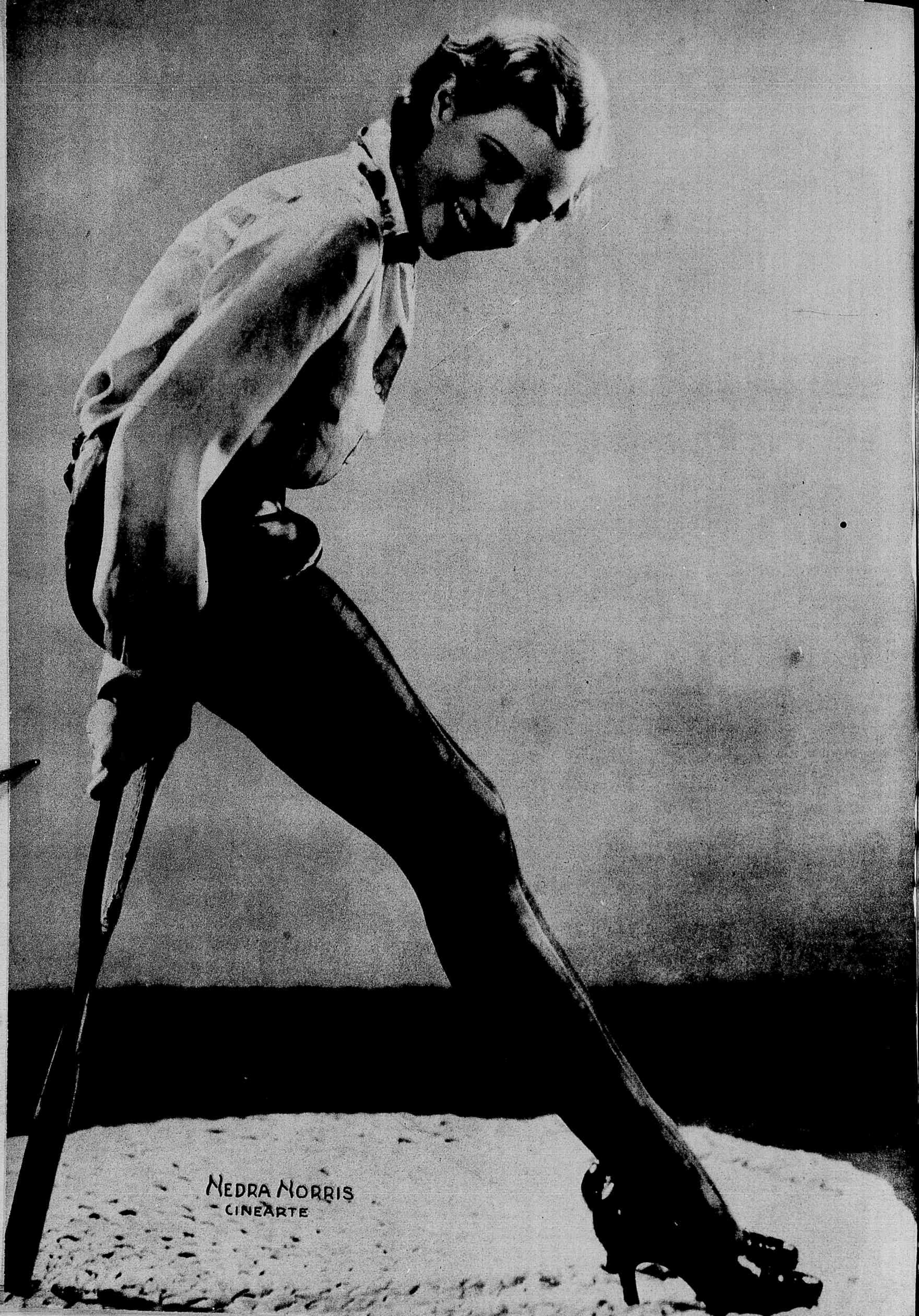
ANNO VII N. 335
RIO DE JANEIRO, 27 DE JULHO DE 1932
Preço para todo o Brasil 1$500

NEDRA NORRIS
CINEARTE

Jeanett Mac Donald, em "Love me tonight" da Paramount.

EM tempo, já lá vae mais de um anno, dois talvez, por esta pagina nos referimos ao habito deshonesto de certas empresas exhibidoras, não só dos Estados, mas, desta capital mesmo, de alterarem o nome dos Films depois de exhibidos nos Cinemas principaes, para induzir ao engano a ingenua clientella.

Victimas desse verdadeiro conto do vigario, varios de nossos leitores têm-nos escripto reclamando, por isso que levados pelo nome do Film, pagavam a entrada e afinal foram assistir á exhibição de um Film que já conheciam, de mezes, com nome diverso.

E' uma fraude essa absolutamente indigna de um exhibidor sério.

Podemos publicar uma pequena lista de Films passados por uma empresa aqui do Rio, que dispõe de varios estabelecimentos de projecção e que usa e abusa desse processo pouco recommendavel.

Eil-a:

TITULO DA 1. EXHIBIÇÃO		TITULO TROCADO POSTERIORMENTE
"Innocencia que accusa"	—	*A quadrilha vingadora*
"Amor e vingança"	—	*Sede vingadora*
"Cargueiros do Oéste"	—	*O cargueiro do deserto*
"Coragem de amar"	—	*Amor cossaco*
"Amante de emoções"	—	*Vingança do condemnado*
"Caprichos da sorte"	—	*Caprichos de heroe*
"Dedicação"	—	*A ponte do perigo*
"Tempestade sobre a Asia"	—	*A revanche da China*
"A legião dos scelerados"	—	*A legião da morte*
"Suprema decisão"	—	*O pavor do circo*
"A vontade do morto"	—	*O monstro negro*
"Kiki"	—	*Kiki, a Aventureira*

etc. etc. etc.

Iriamos longe se quizessemos ennumerar todos os Films que soffreram como os citados acima alteração no titulo simplesmente para illudir ao publico.

Actualmente vae se tornar mais difficil, senão impossivel, essa fraude se forem cumpridas, pelas autoridades responsaveis da fiscalização os dispositivos do Decreto que creou a censura federal, por isso que a cada copia deve acompanhar um certificado e este deverá ser exhibido antes do espectaculo e até projectados os seus dizeres na téla justamente como comparação de haver passado pela commissão censorial.

E desse documento tem que constar o nome do Film que não pode ser alterado sob pena de forte multa e apprehensão da copia assim fraudada.

E essa uma das utilidades da nova lei.

Cohibe essas praxes pouco sérias e que levam o publico a pouco e pouco a desconfiar de todos os que se dedicam á Cinematographia não estabelecendo distincções entre os que agem com absoluta seriedade e os que fazem... o contrario.

Taes praticas desmoralizam o meio, essa é a verdade e deveriam já ter sido publicamente condemnados pela Associação de Importadores e Exhibidores, pela associação de classe, para defesa mesma dos creditos dos seus componentes.

Nós já nos temos referido a isso e com severidade chamado a attenção para o attentado que representa contra a boa-fé e contra a bolsa do publico.

Innumeraveis queixas têm-nos vindo ter ás mãos contra esse attentado, de victimas desses exhibidores pouco escrupulosos. Até aqui não havia lei que prohibisse essa exploração.

Agora não.

A lei existe e se um dos Films censurados pela actual commissão tiver o seu titulo trocado, seremos os primeiros a levar tal facto ao conhecimento della para que ao delicto siga-se o necessario correctivo.

Que os nossos leitores fiquem attentos e nos communiquem qualquer substituição occorrida nos titulos dos novos Films passados pela censura federal e, verão o que acontece ao exhibidor pouco escrupuloso.

MODA E BORDADO

UMA REVISTA MENSAL PARA AS SENHORAS

- MODAS -

BORDADOS - MOLDES

FIGURINOS EM GERAL

CONSELHOS E ENSINAMENTOS

BELLEZA — ESTHETICA — ELEGANCIA

ADORNOS PARA O LAR

ARTE CULINARIA

Unica no seu genero no Brasil, impressa pelos mais aperfeiçoados processos graphicos do mundo, é MODA E BORDADO a revista preferida das familias brasileiras, que nella encontrarão a verdadeira publicação para a casa.

Em qualquer livraria e em todos os vendedores de jornaes do Brasil é encontrada á venda a revista MODA E BORDADO.

Numero avulso 3$000 — Assignaturas — 6 mezes 18$000 — Anno 35$000 — Redacção e Gerencia — Travessa do Ouvidor, 34 — Caixa Postal 880 — Rio.

HUMBERTO MAURO DIRIGINDO DÉA SELVA EM "GANGA BRUTA"...

No "Estado do Rio Grande", de PortoAlegre, lemos dois artigos — "Cinema Brasileiro" e "A industria de Films no Brasil", o primeiro de Duvimioso Motta e o ultimo de "Arl. G.".

Esses dois chronistas, depois de fazerem varias considerações sobre o nosso Cinema, emittem alguns conceitos sobre a Cinédia, dizendo Duvimioso Motta, que "Labios sem beijos" foi tão sómente "uma sequencia de más photographias".

E "Arl. G." tambem achou essa producção de Adhemar Gonzaga, muito inferior a outros Films

CINEMA BRASILEIRO

CARMEN SANTOS...

brasileiros que viu, entre elles "Amor que redime".

Está tudo muito bem e... cada um tem a sua opinião, pensa do seu modo diverso .. mas nós pedimos licença para dizer que aquelle Film da Cinédia não foi mais do que uma experiencia e mesmo assim, technicamente falando, o mais perfeito Film brasileiro que já se fizera, então "Mulher", tambem ainda não é o que a Cinédia pretende e pode fazer. Foi produzido durante a "mobilisação" do Studio.

Se bem que seja o melhor Film nosso até agora exhibido.

Basta que aquelles nossos amigos pensem um pouco mais e façam uma comparação, com mais calma no verdadeiro sentido de "Cinema" e hão de nos dar razão, forçosamente...

E "Arl. G." verá breve, como "*unicamente os nossos elementos*" levarão, de vez, para deante, o Cinema Brasileiro. Não custa esperar mais um pouco...

\+ + +

A Cinédia acaba de estabelecer o seguinte, relativo ás visitas ao seu tudio:

1 — As visitas ao Studio, só serão recebidas ás quintas-feiras, das 9 ás 11 horas.

2 — E' absolutamente necessaria uma autorização prévia, "por escripto", firmada pelo Snr. L. S. Marinho, que marcará a hora e tempo, e endossada por Adhemar Gonzaga.

3 — As visitas não poderão entrar no palco de Filmagens, a não ser com autorização, "por escripto", dos mesmos.

4 — Apenas os socios "quites" da Associação Cinematographica dos Productores Brasileiros, com licença prévia da mesma, poedrão visitar o Studio, aos domingos, das 10 ás 11 horas da manhã, com excepção do palco.

5 — E' absolutamente prohibida, sem excepção, a entrada nos laboratoiors.

Adhemar de Almeida Gonzaga
(Presidente-Thesoureiro)"

\+ + +

Entretanto, provisoriamente, durante a ausencia de Gonzaga, estão suspensas quaesquer visitas ao Studio da rua Abilio.

\+ + +

A maioria dos "fans" do Cinema Brasileiro, ignoram que o nosso saudoso Leopoldo Fróes, já tomou parte em Films brasileiros... "Minha noite de nupcias", o Film que aliás o victimou, não foi a primeira vez que o grande artista dramatico trabalhou deante da "camera". "Cinearte" ainda tratará disso um dia, publicando tambem opiniões interessantissimas que o "Sympathico Jeremias" tinha á respeito do Cinema.

\+ + +

Assistimos a projecção de "Alma do Brasil", da Fam-Film, em sessão especial no "Broadway".

EIN PRINZ VERLIEBT SICH — O "Filmarte" é o unico Cinema de Hollywood que exhibe, exclusivamente, Films de procedencia estrangeira. Assim, ali passam trabalhos allemães, austriacos, francezes, etc. Vi este Film allemão, cujos protanistas são George Alexander, Lein Dyers, Trude Berliner e que vivem uma historia amorosa, com um delicioso fio de comedia, em meio a montagens grandiosas. Trata-se de uma opereta, com musica bonita e um desempenho homogeneo por parte do elenco e direcção de Conrad Weine, conhecido dos "fans" pelos seus passados Films, sendo que alguns delles feitos em Hollywood.

Trude Berliner é bonita e Lein Deyers uma figura que agradará em absoluto. Historia desenrolada entre nobres europeus, não faltando detalhes que ridicularizam os casamentos convencionaes entre familias de sangue azul. Trude Berliner vale o Film e se este passar ahi podem vêr sem susto, pois diverte. Tal qual usam, no Brasil, este Film, todo dialogado em allemão, apresenta-se com letreiros em inglez.

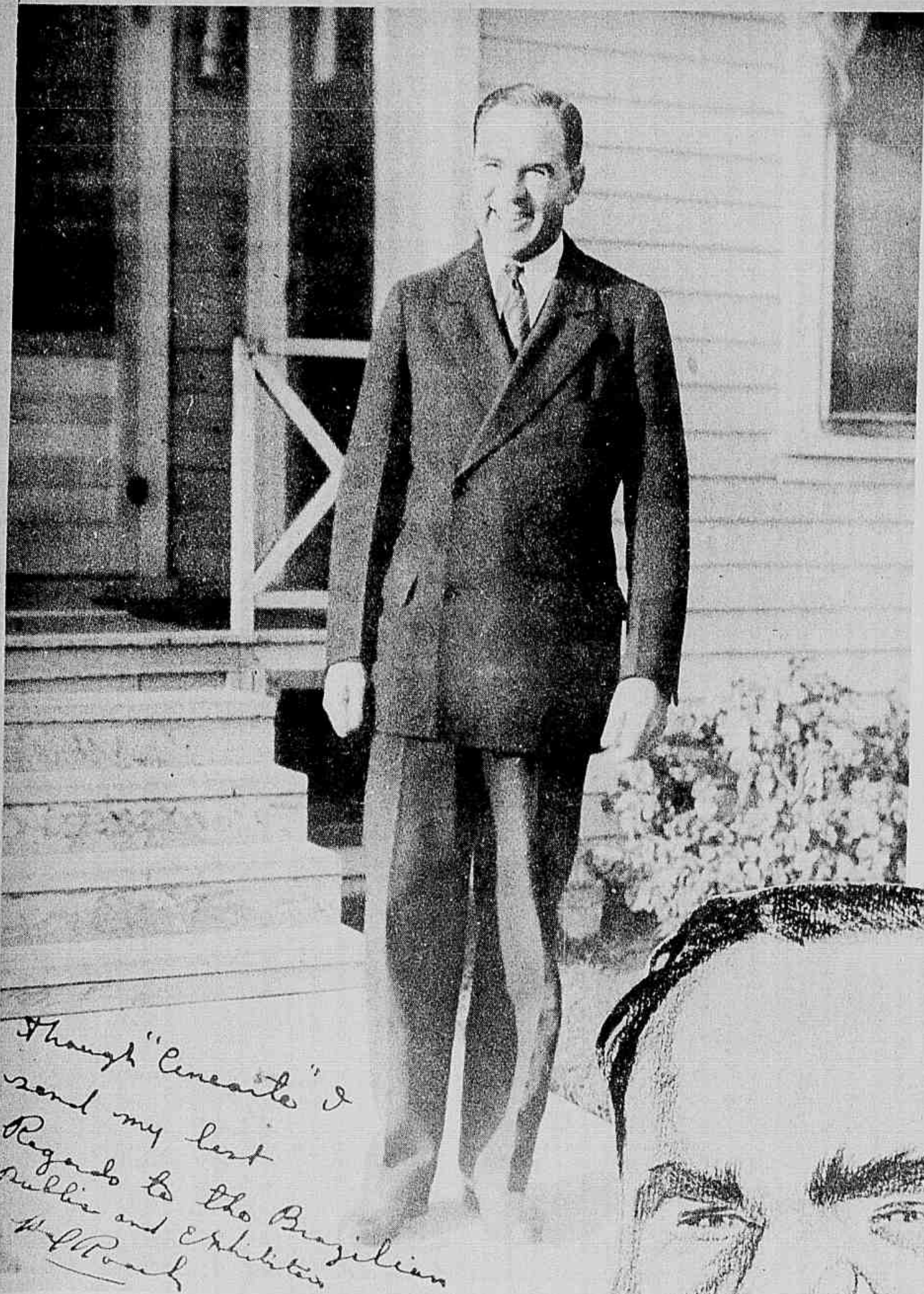
\+ + +

NIGHT WORLD (Universal) — Lew Ayres, Mae Clark, Boris Karloff, Hedda Hopper, Bert Roach, Russell Hopton, Clarence Muse, reunidos, sob a direcção de Hobart Henley, numa historia que se passa no curto periodo de uma noite, dentro de um "cabaret". Ali se succedem varias scenas de romance, que não é dos mais interessantes, mas que foi optimamente dirigido e muito bem desempenhado por um elenco onde os "fans" encontram nomes populares. Mae Clark, sempre interessante e bonita, e Lew Ayres formam o casal de namorados Boris Karloff e Lorothy Revier morrem, victimas do revolver dos "gangsters", Clarence Muse, o porteiro preto, philosopha, Russell Hopton, num curto papel, vae optimamente bem. Ha dansas, canções e effeitos de camera notaveis. A photographia é mais do que excellente e o Film, em resumo, constitue um bom divertimento.

\+ + +

CONSOLATION MARRIAGE (R. K. O.-Pathé) — Irene Dunn, Pat O'Brien, Myrna Loy formam as tres figuras centraes deste Film que aborda um lado da questão do casamento. A historia poderá parecer inverosimel a outras platéas, mas acceitavel para o publico americano. Irene Dunn é uma artista bonita e tem deante de si um largo futuro. Pat O'Brien vae muito bem e Myrna Loy mostra-se como sempre seductora, fascinante.

Hal Roach fala do

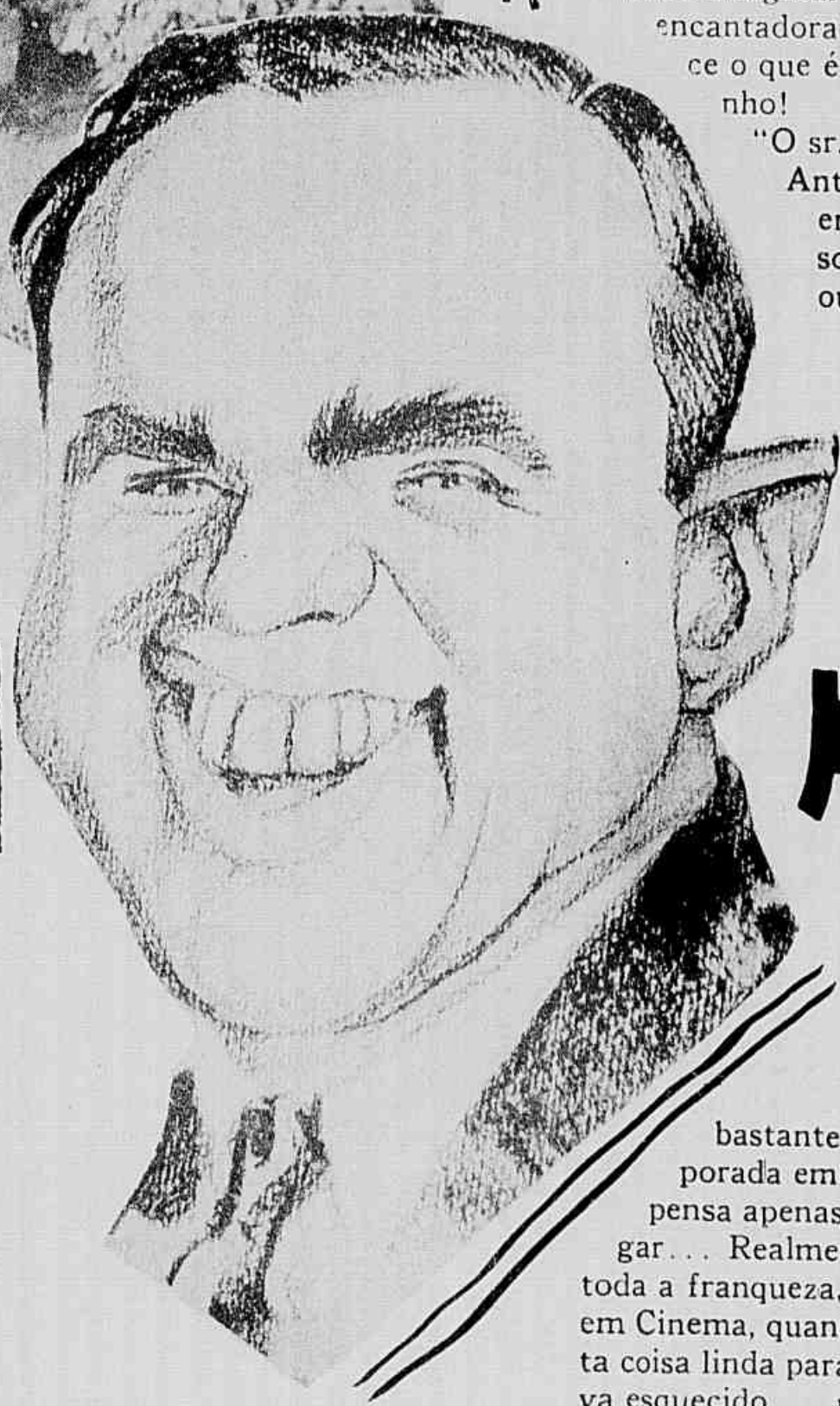
Thanks "Cinearte" I send my best Regards to the Brazilian Public and Exhibitors
Hal Roach

Hal Roach fala maravilhado do nosso paiz, e disse ao nosso representante que necessitamos de muito mais propaganda no estrangeiro: ninguem sabe nos Estados Unidos, o que é o Brasil.

Halliburton, um escriptor de muito nome, no seu livro, *"Novos Mundos a Conquistar"*, descreveu as bellezas do Rio de Janeiro, a maravilha que é a Guanabara e a delicia de viver sob o Cruzeiro do Sul. Teve mesmo a seguinte phrase: —*"Ver o Rio e depois viver!"*. Na entrevista que fiz, recentemente, com o Neil Hamilton, alludi, por signal a esse livro, que Neil me mostrou, tirando-o da sua bibliotheca. Quem visita o Rio de Janeiro e o deixa, em seguida, leva comsigo essa palavra — *saudade!* Quem não conhece aquella canção, que diz:

"Minha Terra, na sua Simplicidade
Tem a palavra SAUDADE,
Que as outras terras não têm..."

Pela primeira vez, em minha vida, tive deante de mim um estrangeiro que havia visitado o Rio de Janeiro. Essa pessoa é Hal Roach, productor das famosas comedias de Stan Laurel e Oliver Hardy, conhecidas no Brasil inteiro e applaudidas por todos vocês, caros leitores.

Como bem devem lembrar-se, Hal Roach chegou de avião, ao Rio de Janeiro, na quinta-feira que precedia o Sabbado Gordo, em cuja noite começa essa folia louca, deliciosa, que só é encontrada na terra dos cariocas!

Os jornaes ahi publicaram retratos, entrevistas, notas e largos commentarios sobre o vôo de Hal Roach e Arthur Lowe ao Brasil e sobre toda a America do Sul; não resta a menor duvida que a attenção dos habitantes da leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro estava por esse momento toda ella voltada para a chegada de outra figura importante, o Deus Momo... mas, assim mesmo, os *fans* leram e interessaram-se pela viagem do celebre productor.

De volta a Hollywood, Hal Roach voltou a occupar o seu logar, no studio, lá para as bandas de Culver City, a uma distancia curta dos grandes studios da Metro Goldwyn-Mayer.

Seria, naturalmente, interessante procural-o, ouvil-o, tomar-lhe as impressões, receber os seus commentarios sobre o Rio, os Cinemas, a gente e, principalmente, sobre o Carnaval. Cartas enviadas dahi me diziam o quanto elle se divertiu, o quanto elle gostou do Rio. Todos me falavam, todos me asseguravam o muito que elle apreciou e o quanto elle brincou, assegurando-me mesmo um amigo mais intimo que elle chegára a decorar a letra do "Teu cabello não nega...". Por isso, fui procural-o e recebido por dois bons amigos, Mr. Porter e Miss Forant, ambos encarregados da publicidade do studio, tive a minha entrevista marcada com o productor das comedias do *gordo e do magro*.

"Não póde imaginar como elle ficou contente em saber que o sr. é do Rio!" diz-me Miss Forant.

"Entre para aqui, sente-se nessa poltrona, Mr Souto!" foram as primeiras palavras amaveis de Hal Roach que, no final da nossa palestra, já estava meu amigo.

Corri os olhos pelo seu luxuoso escriptorio. Hal Roach deve gostar de caçadas, pois ali vi pelles de ursos, de tigres, de javalis, porcos selvagens, chifres, cabeças de veado. Tinha a impressão de estar numa cabana de um caçador.

"Então, o sr. vem daquella terra maravilhosa, o Rio?" indaga elle.

"Sim, sou carioca e doido pelo Carnaval...!" disse-lhe, alludindo de proposito á festa por excellencia brasileira.

"Eu tenho viajado muito, Europa, Asia, etc., conheço grandes capitaes, cidades alegres, gente sympathica, mas nunca me diverti tanto, ri tanto e brinquei tanto como no Rio! Que coisa maravilhosa, phantastica! Nunca pude imaginar ir encontrar uma cidade tão linda, tão encantadora e um povo tão gentil, que sabe e conhece o que é a palavra *divertimento!* Parece um sonho!

"O sr. talvez se admire do que lhe vou dizer. Antes de ir ao Rio, julgava que Shanghai era a cidade mais alegre e onde uma pessoa podia divertir-se como em nenhum outro logar! Aposto que não sabia que Shanghai era tão alegre! Pois o é, depois Paris e a Riviera... Mas, o Rio! Nada se compara, na minha vida passada, aos dias e as noites... (aqui elle teve um ar de malicia...) que vivi na sua cidade!

Cheguei dois dias antes do sabbado de Carnaval. Aproveitei, então, para visitar a cidade e dar uma visita aos Cinemas. Boas casas, e um movimento que, segundo me explicaram bastante para aquella temporada em que cada habitante pensa apenas no Carnaval a chegar... Realmente, para falar com toda a franqueza, não pensei muito em Cinema, quando lá estive. Havia tanta coisa linda para ver que o Cinema ficava esquecido... para quando voltasse a Hollywood! Copacabana ficou gravada na minha memoria. Praia que rivalisa, ou melhor, que supera tudo quanto já vi no mundo. Linda, immensa, e com um mundo de gente bonita! Que sol! Que panorama magestoso! Os banhos em Copacabana, durante os dias que se seguiram, eram como uma ducha para o meu corpo e o meu systema. Creio que pouco dormi, durante os dias que vivi no Rio. O Carnaval tomou conta de mim! Deitava-me de manhã, dormia algumas horas, ia para Copacabana tomar o meu banho de mar, voltava ao hotel, dormia, de novo, algumas horas e ia para a Avenida!

Os jornaes publicaram alguns retratos meus, por isso via-me cercado por muita gente que me apontava e começava a falar portuguez commigo. Não os podia entender... A unica coisa que comprehendia era o meu nome e os nomes de Laurel e Hardy!

Naquelles poucos dias, ria-me todo o tempo. Eram grupos pelas ruas, eram expressões, eram typos curiosos, mascaras, piadas, brincadeiras, emfim, não parava um instante sequer sério. Diverti-me, immenso, como nunca em toda a minha vida. E pude observar o espirito alegre do brasileiro; brinca, diverte-se á vontade, sem preconceitos de classes. E que mundo de meninas bonitas!

Eu ficava a ouvil-o, embevecido e com inveja... Sim, porque este foi o primeiro Carnaval que perdi, em toda a minha vida e, segundo as cartas de amigos meus, foi um dos melhores que o Rio já presenciou. Hal Roach tomava, novamente, o fio da conversa.

"Uma noite, isto é, já amanhecia... fomos, depois do maravilhoso baile do Municipal para o Lido, na praia de Copacabana (elle nunca disse direito esta palavra... Lembrou-me até um outro americano que dizia Itajuba, Itajuta, Ijutaba... e nunca conseguiu dizer o nome do Hotel Itajubá...) Asseguro-lhe que não me lembro de haver visto, num mesmo logar, em nenhuma parte do mundo, numero tão grande de mulheres formosas. Sentia-me maravilhado, palavra! Creaturas que fariam inveja a qualquer "estrella" de Hollywood. O sr. sabe que nós aqui temos lindas pequenas, mas as brasileiras me deram uma nova impressão de belleza e encanto. Que sorrisos...!"

E Hal Roach ficava a relembrar o Rio, as noites do Carnaval, os deliciosos momentos que viveu durante essa folia louca, ahi no Rio.

Em dado momento, elle diz-me: "Conhece "Mulata", a musica do Carnaval?" E principia a cantar um trecho desse samba que dizem ser uma maravilha... fiquei triste. Pois não é para menos, vêr deante de mim um estrangeiro a cantar um samba, perguntando-me se o conhecia e eu... NADA! Perdi esse Carnaval, esse que foi um dos melhores e aqui, durante os dias em que ahi se realizava a grande folia, eu contava minuto por minuto, visualizando o que se estava passando na minha cidade querida. No Carnaval, começam amores, quebram-se juras, desfazem-se paixões... Todos têm a sua historia principiada ou acabada num Carnaval. Elle nos obriga a loucuras, nos entontece, embriaga... Eu tambem tive um Carnaval, um dos que nunca me esqueço... Um Carnaval, quando dansei nos Bandeirantes... aquelle sambinha — "Pinião, Pinião..." Ah, o Carnaval deixa sempre no fundo de cada coração, mais viva, essa palavra *Saudade!*

"E verdade que trouxe uns discos de Carnaval?" pergunto-lhe.

"Não tive tempo de compral-os, mas pedi á casa Victor que m os enviasse, pois quero tel-os aqui e fazer os meus amigos conhecel-os. Que musica!

"Fiquei cego pelo "lança-perfume", gelado pelo frio do ether... comi confetti, vi-me enforcado pelas serpentinas... Mas, como senti ter de deixar a sua terra esplendida!"

A nossa entrevista não terminava mais; por varios momentos, telephonavam a Hal Roach. Eram pessoas que tinham entrevistas marcadas. A resposta, sempre a mesma, era: "Esperem!"

E Roach voltava se para mim e contava outra passagem.

Rio...

"Outra coisa que muito me encheu de admiração, foi a maneira pela qual o povo consegue fazer musica... Se nos grupos e nas rodas de rapazes e meninas havia um violão era o bastante... O resto da orchestra compunha-se de caixas vasias de "lança-perfume", réco-recos, etc.! Mas, todos cantavam, dansavam e a alegria era contagiosa. Vi-me, tambem, em momentos bem criticos! Nada falando de portuguez — a unica palavra que eu podia pronunciar era MULATA, o nome do samba de que tanto gostei....Pedia ás pessoas que estavam sempre commigo para a cantar... Ah, que samba!"

Vocês podem imaginar a minha alegria e ao mesmo tempo a minha surpresa, ali naquelle escriptorio de um studio de Cinema, ouvir falar em Carnaval, sambas, *Mulata*... lança-perfume... Pela descripção que Hal Roach me fazia, eu, como bom carioca, ia imaginando as coisas como se tinham passado. Elle, não resta duvida, não conseguia lembrar-se dos nomes dos apetrechos de combate, usados no Carnaval... Procurava com gestos e modos explicar-me... Por exemplo, ao referir-se ao lança-perfume fez a seguinte imitação: "*Chiiiiiiii*", dando a idéa do ether ao sahir da bisnaga e do ruido caracteristico que produz. Como é que eu não poderia comprehender? A descripção era por demais facil e conhecida minha para que não a entendesse logo.

Era tempo, porém, de falarmos de Cinema. Hal Roach promptificou-se a dar-me todas as informações que eu lhe pedia. Este anno, a sua contribuição para o programma da Metro Goldwyn-Mayer será grande. Uma serie de comedias com Laurel e Hardy, o *gordo e o magro;* uma serie com Zasu Pitts e Thelma Todd; uma serie dos *peraltas*, (com vistas ao meu bom amigo Waldemar...) outra intitulada "Taxi Boys", onde apparecerão Clyde Cook, Billy Bevan, Billy Engles, Billy Bletcher e Frank Rice.

"Esta nova serie, os "Taxi Boys", reunirá muita gente conhecida, elementos velhos no Cinema. Será uma serie que lembrará os velhos tempos dos *Keystones Cops.*

"Soube como os seus dois comicos, Laurel e Hardy são populares no Brasil?

"Sim, tive essa opportunidade e fiquei bastante satisfeito. Mas, confesso — o Carnaval é uma coisa tão deliciosa que não deixa tempo para mais nada. Durante a minha curta estadia no Rio, não podia pensar em Films, quando todo o mundo cantava, brincava, dansava e se divertia!

Nunca mais sahirá da minha imaginação a noite que passei no Municipal, uma festa como essa, nem mesmo aqui na America já assisti a egual. Luxo, um ambiente maravilhosamente elegante e "chic", lindas creaturas, phantasias que deviam ter custado fortunas! O sr. deve sentir orgulho de vir dessa terra deliciosa...!" termina elle.

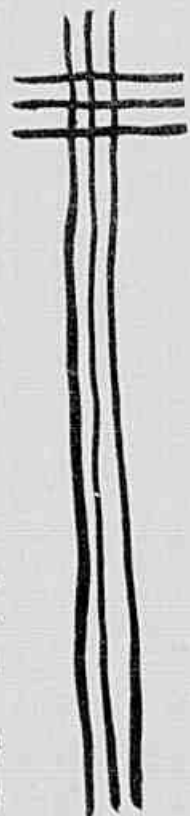
Para avivar-lhe ainda mais as recordações, mostrei-lhe um punhado de vistas do Rio, que eu vinha exhibindo para toda gente. Eram realmente lindas e mostravam varios aspectos da cidade. Hal Roach começou a apontar logares, trechos recordando com saudade os poucos dias que viveu entre os meus patricios. Depois, pediu-me tres vistas, as melhores. Offereci-lhe, então, a collecção, que elle recebeu com muita alegria, dizendo-me que a queria para mostrar aos seus amigos a quem elle tanto vem falando do Rio.

"Mr. Roach, o sr. deve fazer muita propaganda do Rio, afim de que os artistas se lembrem de fazer uma visita á minha terra!" disse-lhe eu.

"Realmente, tenho falado a muita gente. Mas, a distancia é, na verdade, grande, se bem que a viagem de avião seja mais rapida. Digo-

(Termina no fim do numero)

Hal Roach e o seu piloto cap. James B. Dickson, com o qual veiu ao Rio.

O departamento de publicidade de Hal Roach, tirou esta photographia de Stan e Oliver, especialmente para offerecel-a ao nosso representante.

pela Chesterfiel, empresa independente que funcciona no Tec-Art Studio. John Darrow teve esta phrase para mim: "Você vê, não me posso queixar da sorte... Nestes tempos em que ha tanta falta de trabalho, já obtive tres Films... E estou bem contente! Agora, venham as cartas...!"

—:—

Um filho adoptivo de Adolphe Menjou, dirigindo um carro e, segundo contam os jornaes, embriagado, foi chocar-se violentamente com outro vehiculo. Resultou do desastre a morte de uma pequena que com elle ia no mesmo carro. O rapaz foi preso e os jornaes estão aproveitando o caso para novas e sensacionaes noticias de escandalo!

—:—

Nos meus passeios habituaes pelo Hollywood Boulevard, sempre encontro uma quantidade grande de artistas conhecidos. Nesta ultima semana, fazendo

Joan em "The rain" versão falada de "Seducção do Peccado."

por lembrar-me vi: fumando um grande charuto e sobraçando um masso de jornaes a Edward G. Robinson, que acaba de fazer "Tiger Shark" para a Warner-

HOLLYWOOD BOULEVARD

First National; Priscilla Dean, a minha querida dos velhos tempos. Ainda está bem moça, sympathica a valer e com aquella mesma expressão seria no rosto. Se não fosse ella com tanta pressa e a conversar com uma amiga, tel-a-ia abordado para recordar aquelles Films maravilhosos como "Virgem de Stambul", "Fóra da Lei", e aquelle seu inesquecivel desempenho em "The Wildcat of Paris", cujo nome portuguez não me lembro... Billy Bakewell, sempre apressado e a sorrir. Disse-me que os seus planos de viagem á Europa vão indo ás mil maravilhas... Joseph Girard, velho, andando vagarosamente, mas ainda é o mesmo dos tempos de "A Quadrilha dos Ratos Cinzentos"; Sheldon Lewis e Virginia Pearson, elle, alquebrado e surdo completamente, ella, ainda elegante e com aquella mesma expressão de olhar que a tornou famosa, nos tempos da Fox...

—:—

Charles Farrell, entrando numa casa de modas para homens... Jack Oakie, sem paletot, usando, apenas, uma camisa de lã, assobiando e mostrando-se muito satisfeito da vida... Alec B. Francis, deixando o banco e contando uma bolada. Não esqueci que elle estava com o seu habitual e muito conhecido cachimbo... Russell Gleason, numa carreira louca, passa na sua barata amarella... Tom Brown, tendo terminado "Brown of Culver", pára para falar commigo e diz-me que tem seis semanas de férias... Douglas Fairbanks e Mary Pickford entram num edificio, na esquina de Vine Street... Douglas cada vez está mais queimado do sol... Chester Morris passa no seu luxuoso automovel azul... Leila Hyams, saltando da sua linda baratinha, encaminha-se para os escriptorios do marido, Phil Berg, em Vine Street... Maurice Chevalier e um amigo entram no Warner Bros Theatre, onde se exhibia "Week End Marriage"; para o mesmo Cinema se encaminha Ivan Lebedeff, sempre de bengala e sem chapéo... Frank Albertson e Charles Morton (lembram-se ainda delle?) com trajes sportivos deviam dirigir-se para a Associação Christã de Moços, ali na Hudson Street... E, na semana passada, foi esta a parada de estrellas!

—:—

Vocês ainda se lembram de Billie Burke, aquella artista que fez uma serie interminavel de Films para a Paramount, ha muitos annos? Pois Billie, aliás Mrs. Florenz Siegfeld, o homem das revistas e das **Follies** de New York, acaba de voltar ao Cinema. Depois de haver terminado uma temporada theatral, no Belasco Theatre, em Los Angeles, Billie assignou contracto com a Radio e deverá estrear em "Bill of Divorcement", dentro de muito breve. Para os seus velhos admiradores, aqui está uma bôa noticia.

—:—

Laurel e Hardy já começaram a ultima comedia que Hal Roach vae produzir, este mez, pois no dia 2 de Julho, o gordo e o magro pretendem deixar New York, numa longa viagem de recreio ao continente europeu. Laurel e Hardy esperam visitar Londres, a Irlanda, Paris, Berlim, e, provavelmente, Hespanha, Italia e Suissa. Como sabem, Laurel é inglez e, ha muitos annos, está longe da patria, por isso conseguiu com o famoso productor uma licença para matar as saudades... Segundo consta, ambos acceitarão contractos para apparecer, pessoalmente, no palco de varios Cinemas europeus.

—:—

John Darrow, recentemente, entrevistado por mim, para **Cinearte** ficou muito satisfeito com a publicidade que lhe demos. Disse-me estar á espera das cartas das lindas brasileiras, minhas patricias! Encontrei-me com elle, de novo, ha dias, num **Drug Store**. Conversámos e soube, então que anda muito atarefada ultimamente. Os seus mais recentes trabalhos são: "Forbidden Company", com Sally Blane. "Probation", com a mesma estrella e "The Midnight Lady", com a encantadora Claudia Dell. Todos estes Films são produzidos

—:—

Ethel Barrymore chegou a Hollywood e prepara-se para iniciar "Rasputin", onde a Metro Goldwyn-Mayer collocou John, Lionel e Ethel, os tres famosos Barrymores do theatro americano. Faz, assim, a sua volta ao Cinema o terceiro nome celebre dos Barrymores. Como os bons **fans** se devem lembrar, Ethel, ha muitoss annos, fez alguns Films. **Rasputin**, o monge negro, será interpretado por Lionel; Ethel será a Czarina e John Barrymore dará vida ao papel do joven grão-duque. Até agora, não foi escolhido ainda o director.

—:—

Felix, comedia de Henri Bernstein foi comprada pelo Metro Goldwyn-Mayer e deverá ser Filmada para esta temporada, estando a empresa empenhada em tratar a peça com muito cuidado e dar-lhe um bom elenco, assim como indicará um excellente director. **Felix** foi representada, em Paris, no Gymnase, quatrocentas vezes consecutivas.

—:—

Marion Davies fez-se cercar de optimos elementos em seu novo Film, ainda sem titulo e cujo argumento gira em torno de uma companhia de revistas. Billie Dove, James Gleason, Robert Montgomery e os famosos Rocky Twins apparecem no elenco, dirigidos por Edmund Goulding. O argumento é de Frances Marion e o dialogo foi escripto por Anita Loos, autora de "Os Cavalheiros Preferem as Louras." Os Rocky Twins que fazem a sua estréa, agora, no Cinema americano, são dois dansarinos com muito publico em Paris, onde trabalharam durante muito tempo com Mistinguett. Falam inglez perfeitamente e os jornaes trataram do contracto delles com a Metro com palavras de muito elogio, dizendo-se mesmo que terão muita opportunidade no Cinema, pois dansam, cantam e mais do que isso — são realmente dois rapazes bonitos. Apromptem-se os **fans** para applaudil-os...

—:—

Racing Youth (Universal) — Frank Albertson tem muitos admiradores, na verdade, e estes vão gostar quando o virem no protagonista desta historia, uma uma dessas comedias que a Universal sabe tão bem fazer. O elenco é bom, vejam só: Louise Fazenda (attenção para a scena do baile...) Slim Summerville, June Clyde, Forrest Stanley, Eddie Phillips e Albertson, num joven engraçado, sympathico e esperto. Elle tem um dos melhores papeis da sua carreira e o Film offerece scenas engraçadissimas, entre estas o discurso e o baile, em que Slim Summerville é obrigado a dansar com Louise Fazenda... Otis Harlan tambem apparece e, como succede, esplendido.

Sue Carol

Desesperada, Margot consegue descobrir o paradeiro do filho e faz justamente o que Scott lhe recommendára que não fizesse: rouba a creança fugindo com ella. A justiça persegue-a como ladra e é Scott Burrows, no instante em que tudo parece perdido, que vae salval-a, conseguindo dos millionarios que devolvam a creança á infeliz mãe.

Depois, a bordo de um navio que ruma para a Australia, vendo diante de si os horizontes de uma nova vida, contemplando o filhinho que brinca junto á amurada, Margot não sente forças para negar a Scott o favor que elle lhe pede com voz apagada:

— Se você quizer, o commandante do navio pode casar-nos...

(Wicked) — Film da Fox-Movietone

Margot Rande	ELISA LANDI
Scott Burrows	VICTOR Mc LAGLEN
Tony Rande	Theodore Von Eltz
June	Una Merkel
Mrs. Luther	Irene Rich
Stella	Eileen Percy
Arlene	Mae Busch
Prisoner	Alice Lake

Director: — Alan Dwan.

Havia tres mezes que Margot Rande estava casada quando, certa noite, a infelicidade lhe bateu em casa: o marido chegou inesperadamente, nervoso, inquiéto, para confessar-lhe que havia roubado o banco onde trabalhava e que ia fugir para se livrar da justiça. No encalço delle corriam alguns detectives. Ao tenta escapar Tony Rande é mortalmente ferido e Margot, procurando defendel-o, fere, accidentalmente, um detective.

Morto Tony, Margot é levada á prisão, para cumprir pena por tentativa de assassinato e lá, enrte as mulheres da peor especie, ella vive a contar os instantes, pois que vae ser mãe e teme pelo futuro do seu filho.

A creança vem ao mundo num quarto de hospital, para onde Margot fôra levada e é, pouco depois de nascida, entregue aos cuidados de uma instituição de caridade, pois que não seria possivel creal-a no ambiente da prisão. Devolvida á sua cella, Margot passa os dias a costurar roupinhas para o menino, sonhando com o momento em que lhe seja possivel, restituida á liberdade, dedica-se inteiramente á creaturinha que era toda a sua vida, uma vez que não lhe restavam no mundo nem parentes nem amigos.

Um dia annunciam-lhe uma visita. Scott Burrows, velho amigo dos Rande e adorador silencioso de Margot, de volta da Australia, onde fizera fortuna, foi procurar, mesmo na prisão, a mulher a quem sempre amára em segredo, desejando poder prestar-lhe protecção e amparo.

SACRIFICIO

Graças a Scott — um amigo dedicado e sincero — Margot vê, pouco depois, a sua pena reduzida e deixa a prisão, ansiosa por iniciar uma nova vida.

Mas uma desillusão a espera: seu filho, o seu pequenino Tony, fôra entregue a uma familia rica que o adoptára como filho. E a directora da instituição de caridade ainda diz á pobre mãe, procurando consolal-a:

— A senhora não deve entristecer-se. No logar onde está, seu filho vae ter um futuro que certamente não teria se entregue aos seus cuidados.

RELAÇÃO DOS FIMS CENSURADOS PELA NOVA CENSURA CINEMATOGRAPHICA, DE 16 A 30 DE JUNHO P. PDO.

Pirate's Isles (Ilha do piratas) — Fox Film Corporation U. S. A. — **Film Educativo.**

Fishman fortune (A fortuna do pescador) — Fox Film Corporation U. S. A. — **Film Educativo.**

Over Bouding main (Por sobre as ondas) — Fox Corporation U. S. A. — **Film Educativo.**

Rhineland memories (Recordações renanas) — Fox Film Corporation U. S. A. — **Film Educativo.**

Belles of Bali (Bellas de Bali) — Fox Film Corporation U. S. A. — **Film Educativo.**

Modas de Hollywood n. 48 — (Poses de artistas) — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Approvado.

Metrotone News n. 135 — (Jornal) — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — **Film Educativo.**

Heartbreak (Coração partido) — Fox Film Corporation U. S. A. — Approvado.

Greek hat a word for them (Cortezas modernas) — (Comedia) — United Artists Corporation U. S. A. — Approvado — Improprio para creanças, menores e senhorinhas.

(Termina no fim do numero)

DOROTHY JORDAN...

Mary Jane Irving

Myrtha Bonillas

ita ynn

urrel Finley

Lita Chevret

Maurice Chevalier concorda que, se a vida não fosse convencional como é, elle seria exactamente como as personagens que vive nos seus Films. Isto é: — amaria todas as mulheres possiveis, seguiria a todas as provaveis pelas ruas e faria aquelle manejo malicioso de olhos que só elle sabe fazer, inimitavelmente bem...

— Mas onde estaria eu?...

Disse-me elle, acabando de dizer o que seria capaz de ser se não tivesse que ser o que é...

Isto, é logico, não deixa de ter o seu lado sensacional. Que historia bonita não daria esta: — o "santo" Chevalier! Marido exemplar, pae comportado, excellente ama secca... Mas o nosso amigo "tenente Nikki" será realmente assim?...

Diz elle.

— As leis que os homens escreveram, não são naturaes. Os homens jamais foram monogamos. Somos, no intimo, mais animaes do que os animaes... E as mulheres são a cousa mais maluca do universo, concordemos... Não acha?

Apesar delle, na vida particular, ao lado de Yvonne Vallée Chevalier, cantar ás escondidas uma daquellas valsas irrequiétas de Strauss, pessoalmente não deixa de proceder correctamente, embora ache que é errado. Jamais foi elle soprado pela brisa do escandalo. Elle ama a esposa. Confia nella e ella, nelle. Ella o ama. E elle acha que nada de mais faz ella dando-lhe a confiança que elle proprio acha que merece. Elle age exactamente como tio Gabriel, methodico, imperturbavel mesmo diante de um pedaço de perna mais indiscreto, como aquelle que Miriam Hopkins mostrou descaradamente ao sub-consciente de Fredric March, o brutal cidadão Hyde...

De accordo com seu impulso, Chevalier comporia logo uma canção: — "Quero ser beijado." Mas a vida obriga-o a responder, antes de compor a canção, o **refrain**: — "não quero, não!"...

Elle sabe e sente que não continuará, a vida toda, sendo assim apaixonado por... todas as mulheres, ainda que só intimamente. (Como elle jura!) Sabe que ha de chegar aos cincoenta. E então? Ahi espera elle já estar em Cannes, na sua aprazivel vivenda, e, cousa engraçada, ao lado da mesmissima esposa, senhora Yvonne Vallée Chevalier. E espera que os filhos venham tarde, mas venham. O seu pensamento é ficar empresario theatral, possivelmente e, se conseguir, continuar como artista, no theatro, representando assumptos do genero de um George Arliss, por exemplo... O principal attributo elle tem: — graça, fascinação pessoal ou, melhor, personalidade!

— Além de presonalidade a attracção pessoal, quero ser artista, mas realmente artista, antes de mais nada. Acho esse negocio de **sex-appeal** muito engraçado, sem duvida, mas um pouco tôlo, tambem, pois não comprehendo que isto substitua a arte, como o faz...

(Chevalier não toma disso e é desses que avalia o artista pelo numero de caretas... E' apenas por isso que elle proprio ignora porque tem vencido, achando-se máu artista e esquecendo toda sua authentica personalidade).

Perguntei a elle se mudaria o mundo, tanto lhe sendo possivel.

O seu ultimo retrato...

O "SANTO" CHEVALIER

— Simplificaria as cousas. Acho que andam complicando demais a existencia.

Depois elle enveredou por outro terreno e disse que não sabe o que seja politica, communismo e socialismo, crise e "outras cositas más", como diria Maria Ladron de Guevara... (Côro: — "só dando com uma pedra nella! Só dando com uma pedra nella"...)

Não lê novellas. Gosta de ler peças. Acha que para mudar homens e costumes, forçoso é antes mudar os homens. Acha que os homens nascem differentes e nunca poderão ser iguaes. Quanto a leis de casamento, não as mudaria em nada...

— Não são leis naturaes...

Diz elle.

— ...mas protege o mundo de uma dissolução completa e dá garantias aos homens e ás mulheres.

Elle é bom **chauffeur** e gosta de dar corridas as mais vertiginosas possiveis. Acha que os maridos devem observar os regulamentos do trafego do matrimonio...

— Gosto de conseguir aquillo que consigo e não receber. Tendo conseguido, não discuto mais. Alguem já brigou commigo por causa de dinheiro ou cousa semelhante, aqui na Paramount? Isto acontece porque eu trato as cousas com muita simplicidade e de homem para homem. Jamais tive empresario ou agentes. Eu falo e arranjo e viro e faço. Para que um extranho?

O lar sempre montado, de Chevalier, fica em França, em Cannes, na Riviera. Entre Films elle e Yvonne vão para lá descançar. Elle do trabalho e ella do trabalho com o marido. Mas elle, apesar disso e de muitas saudades que sempre tem da Patria, não esconde sua opinião, achando Hollywood muito mais socegada do que Cannes.

Actualmente elle está residindo na casa de appartamentos de Joseph Schenck, no Hollywood Boulevard. Em Cannes elles se encontram muito a meudo com conhecidos e, assim, o descanço é muito pouco.

Seus amigos, em Hollywood, são poucos: — Douglas Fairbanks, Adolphe Menjou, principalmente, porque são seus companheiros de **tennis.** Actualmente elle está começando a comprehnder o **golf** e está delle gostando.

E foi só.

Não sei se dão credito ao que elle diz sobre ser um "santo marido" ou não. O caso é que elle disse...

A tradicional medalha do "Photoplay", que no anno passado coube a "Cimarron", da R. K. O., como o melhor Film de 1931.

A 8 do corrente, a "United-Artists" do Brasil fez annos. Ha seis annos que a sua agencia entre nós foi installada pelo Snr. Enrique Baez, que continúa até hoje representando-a no Brasil.

Ha mais de seis annos, entretanto, já tinhamos visto alguns Films da United, exhibidos no Rialto, ao tempo de Mr. Wilcox (lembram-se?) como agente. Foi em 1922, se não nos enganamos.

—:—

Como é do dominio publico, a "Sociedade Vinicola Rio-Grandense" fez exhibir no Odeon o seu interessante Film natural — "O Vinho do Rio Grande", depois de cuja projecção offereceu um banquete á imprensa que teve a presença do chefe do Governo Provisorio.

Cinearte apesar de não ter sido convidado, tambem foi assistir ao Film e associa-se á impressão agradavel que essa pellicula deixou a quantos a viram na tela.

Walter Huston e seu filho John, que, aliás, preparou os "scenarios" de "Casa da discordia" e "Lei e ordem."

Embora seja um Film de materia paga, é bastante interessante e mostra, na verdade, o progresso de uma das nossas industrias, não deixando de ser muito significativo o facto do Dr. Getulio Vargas achar-se presente á exhibição, o que serviu para mostrar, mais uma vez, o interesse que o governo vem demonstrando pelos Films brasileiros.

"O Vinho do Rio Grande" não está Filmado com a technica dos Films naturaes, pela qual tanto nos temos batido, ha varios annos, e nós sabemos que foi feito muito ás pressas e apanhado em varios logares, entretanto serviu para mostrar qualquer cousa do nosso progresso industrial.

—:—

Tambem não podemos deixar de falar no Film de propaganda da Companhia Ford, apanhado no Amazonas.

Elle é um exemplo da maneira intelligente e acertada de como devem ser feitos os Films do natural.

Foi a primeira vez que tivemos uma idéa exacta daquella nossa região, no extremo Norte.

O Film é de propaganda, mas o que nos interessa aqui é a technica que elle nos revela, já pondo de parte o seu lado educativo, o valor e a avaliação do trabalho de Ford, o que não nos compete.

Quantos assistiram ao Film, que aliás foi exhibido, a principio, gratuitamente e depois juntamente com um Film americano, de cujo programma constituiu o grande successo da semana, sahiram maravilhados.

Os nossos operadores, que Filmam materia paga, tambem deviam mostrar ao publico, os seus Films.

Façam isso gratuitamente e o objectivo com que fazem essas "cavações" será attingido, porque, pelo menos, os Films são exhibidos e o publico irá vel-os...

—:—

A nova quota de importação para os Films estrangeiros teve inicio este mez, na França. Com esta nova lei, sómente 200 Films estrangeiros podem ser importados pelos distribuidores francezes, e nesse numero está incluido o maximo de 75 Films synchronisados pelo processo **"dubbing."** Os Films terão as seguintes classificações para receberem permissão: Films puramente francezes; Films falados produzidos em França; Films silenciosos; jornaes ou Films de publicidade; Films sonoros; e Films de menos de 900 metros.

Aos Films pelo processo **"dubbing"** que não tenham sido synchronisados nos Studios francezes não será permittida sua exhibição. E quando feitos no paiz, o nome de origem deve apparecer, assim como os dos interpretes principaes, sem esquecer de mencionar os nomes naquelles que falam o dialogo. Para os 200 Film permittidos a entrar em França, metade deste direito irá para o distribuidor e a outra metade para o exhibidor.

O systema de quota franceza poderá ser modificado em cada tres mezes.

Anna Sten chegando a Hollywood é recebida por Lewis Milestone.

Frederick Warburton e... Greta Garbo (sim, é ella!) em "As you desire me"...

—:—

Dizem as noticias de Nova York que o Film russo "Alone", da "Amkino", não agradou nem mesmo aos russos.

—:—

Durante o periodo de 1 de Novembro de 1931 a 22 de Maio de 1932 foi exhibido em Nova York um total de 368 Films, dentre estes achavam-se 75 producções de diversas procedencias estrangeiras.

—:—

A censura de Films em Chicago foi abolida, e desta forma a cidade faz uma economia de **$34.000 dollars.** Mas as mulheres não estão satisfeitas, e preferem que o publico se manifeste a respeito.

Shangai no fim do anno de 1931 tinha 44 Cinemas.

—:—

Claudette Colbert tem trabalhado ao lado de quasi todos os artistas da Paramount, mas nunca trabalhou com Clive Brook. Agora ella será vista ao lado de Clive em "Bride of the enemy", titulo este provisorio.

—:—

Diz Dorothy Arzner: "Existe um grande logar para as mulheres no Cinema. Mais directoras devemos ter na industria. Por mais que os homens possam fazer, jamais estarão capacitados de comprehender o ponto de vista da mulher. Historias existem que sómente uma mulher as pode dirigir."

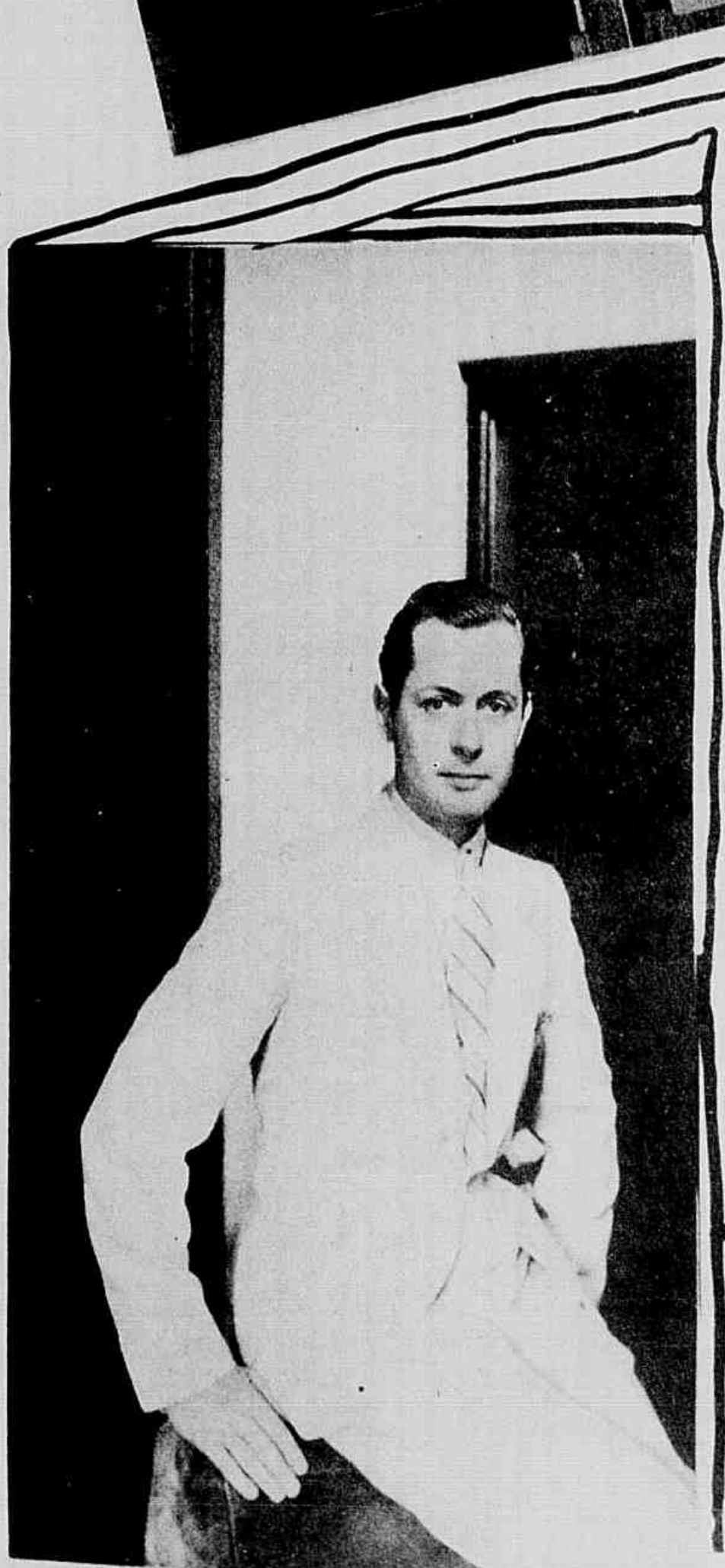
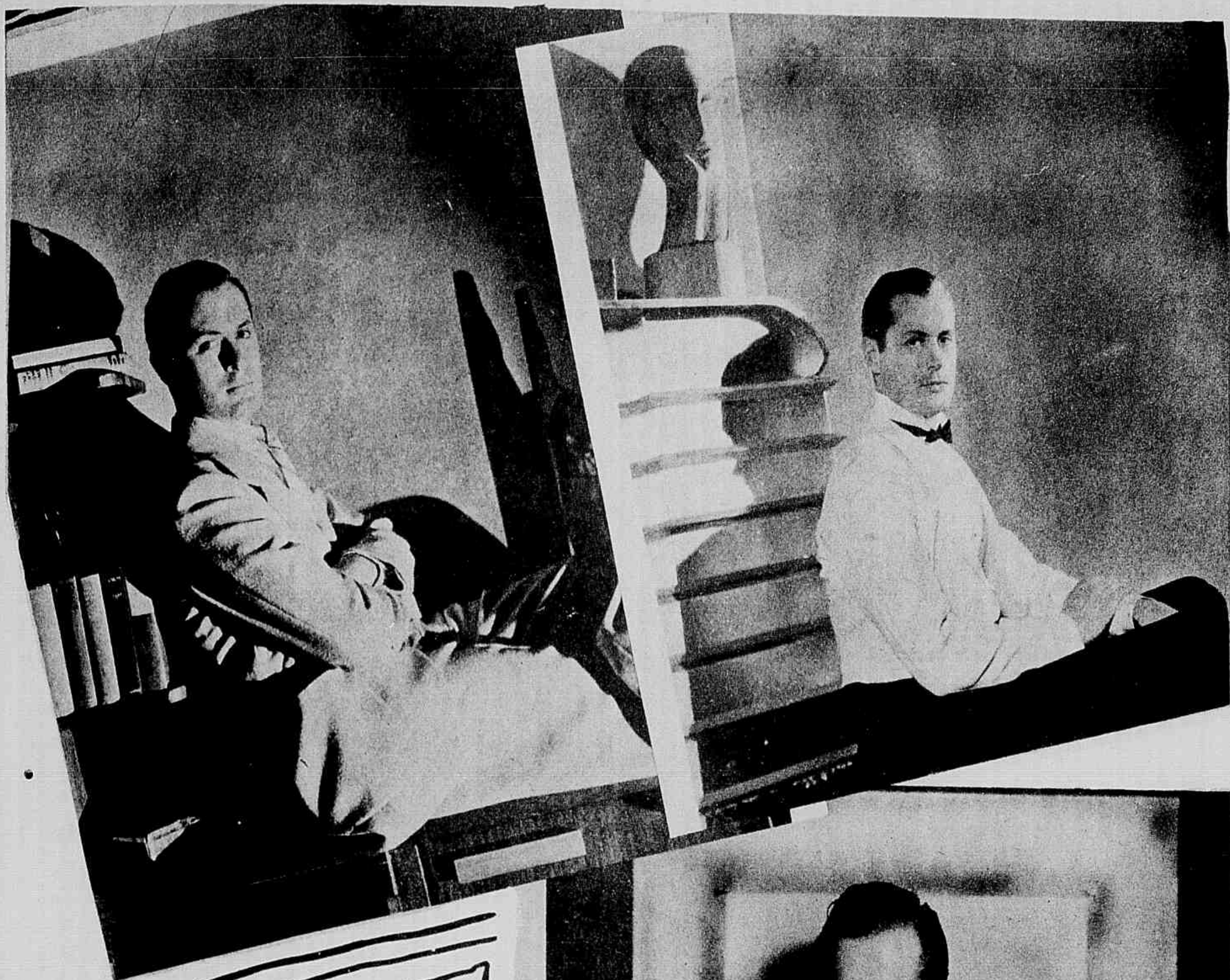
Dorothy Arzner tem razão e por signal que ainda nos lembramos de um detalhe do primeiro Film que ella dirigiu, o qual nunca tinhamos visto nos Films dirigidos por homens...

—:—

De um jornal americano: "As pessoas podem-se habituar a gastar menos, tomar poucas ferias, não comprar constantemente roupas e mesmo comer menos, mas, quando se está acostumado a assistir a bons Films, ellas jamais ficarão satisfeitas se não forem ao Cinema. "Vá ao Cinema, mesmo que não gaste o seu dinheiro no jantar; deve-se mesmo preferir aquelle a este"...

A "Klangfilm" acaba de lançar no mercado um novo modelo de projector que não tem a tradicional "cruz de malta", chamando-se o novo systema "por compensação optica." O fóco de luz não é cortado pelo obturador como nos apparelhos communs, é continuo, logrando o quadro por uma combinação de espelhos. O Films passa pelo projector, deslisando, sem oscillações. Este novo typo de apparelho vem solucionar o problema do desgaste do material, que segundo annuncia a Klang, é evitado em grande parte. "Machau" é a marca desta nova machina.

Aquelle é o "irmão de Lionel Barrymore"...

São estas as primeiras sete producções da Paramount, para o anno 1932-33: **Riddle me This, Night after night, The big broadcast, A Farewell to arms, The phantom president, The sign of the cross** e **Blonde Venus**, esta ultima com Marlene, como se sabe.

Robert Montgomery

GALÃ DA NOITE...
COLLEGA DE BORDO...

COMO GRIFFITH

Foi no Hotel Astor, em New York, que me encontrei com Griffith e lá, tambem, que elle me contou como fez *The Birth of a Nation (O Nascimento de uma Nação)*. Contou-me elle, tambem, como foi que esse Film seu, o maior de todos seus successos, até hoje, indiscutivelmente, quasi morreu antes de ter nascido... E' uma historia interessante, esta do Film em questão, estréado ha mais de quinze annos em nossos Cinemas e até hoje vivo para o publico de todo paiz, que ainda o considera um Film admiravel, um Film padrão, tanto da éra silenciosa quanto da falada.

O Nascimento de uma Nação é qualquer cousa de formidavel, na historia do Cinema e um Film que ficou dentro da mesma gravado com letras de fogo. Ha annos, os productores quiezram mostrar a Griffith que seriam capazes de fazerem alguma cousa acima desse seu trabalho. Inutilmente, no emtanto, porque continuou tudo como antes... O proprio *Abrahão Lincoln*, de Griffith, não conseguiu metade do successo e nem do renome do primitivo trabalho epico do grande director.

A verdadeira historia de *O Nascimento de uma Nação* começa ha muitos annos passados. Pedimos a Griffith que lêsse as folhas de seu diario onde, como sempre, registra elle, passo a passo, os actos todos de sua existencia. E que falasse á vontade, pedimos, sem a preoccupação de não cahir para o sentimentalismo. Antes de mais nada, como fôra elle escolher aquella historia para Filmar?

— Isso é facil de responder.

Começou elle, promptamente, falando com aquelle seu modo tão franco e tão sympathico, um dos seus caracteristicos.

— Eu estava produzindo Films pequenos para as companhias Majestic e Beliance. Frank Woods, um dos meus socios, deu-me um exemplar do "The Clansman", de Thomas Dixon. Levei o livro para casa e, aquella noite mesmo, li-o de principio a fim. Adormeci, ali mesmo onde estava lendo e com uma fascinante scena a bailar em meu cerebro, impressionantemente: — cavalleiros de branco, em galope furioso, correndo pela téla de um Cinema... Achei, logo, que ali havia excellente material para um Film. Aquillo cahia no gotto tanto de minha imaginação, quanto de meu sentido dramatico de ver as cousas. Antes de tornar ao meu escriptorio, na manhã seguinte, tinha decidido confeccionar aquillo como Film e como meu proximo Film, aliás!

Não é preciso grande penetração para responder o "porque" dessa quéda de Griffith pelo drama daquelle periodo da Guerra Civil. Elle é filho de La Grange, Kentucky, onde nasceu em 1880. E' filho de Jacob Wark Griffith, conhecido de todos como Jake "trovoada", porque era um dos mais explosivos soldados que o Sul tivera. Saturado desses sentimentos relativamente ao Sul do paiz, onde nascêra e tendo, além disso, um grande senso dramatico, antes demonstrado em versos brilhantes por elle escriptos e, em seguida, pelo theatro, não é de se admirar, portanto, que logo lhe chamasse attenção e o fascinasse uma historia sobre aquillo que seu temperamento e seu sangue tanto amavam.

Falando da sua primeira reacção á leitura do livro de Dixon, Griffith fez sentir, claramente, que não se deixára influenciar pela historia, propriamente. O que lhe chamára vivamente a attenção, fôra o momento em que os membros da Klu-Klux-Klan cavalgavam em seus corceis mais brancos do que suas tunicas, porque isso dava um colorido romantico extraordinario á historia e seria a melhor apresentação possivel para a fama de um Film sobre feitos epicos americanos dos tempos da guerra civil. Com sua caracteristica energia, apesar de estar contractado para dirigir ainda um outro Film, *The Escape*, Griffith dispoz-se a cuidar dos planos todos para Filmagem de *O Nascimento de uma Nação* tal qual como elle sonhava fazer.

— Logo descobri que seria immensamente difficil financistas para uma producção que certamente não custaria menos de 100.000 *dollars* e, isso de accordo com calculos feitos rapidamente, sem bases realmente seguras. Além disso, os productores de então sentiam-se acanhados e timidos diante de um Film que tivesse dez ou doze partes, tanto masi que até então nunca se fizera um de semelhante metragem. E eu achava, sinceramente, que aquelle assumpto não poderia ser tratado em menor quantidade de Film. Quando pedi attenção para meus planos, os productores das companhias Reliance e Majestic disseram-me, francamente, que eram contra meus pontos de vista. Tendo encontrado outros productores igualmente indispostos com a idéa, comecei a volver minhas vistas para pontos fóra da presente industria Cinematographica, a ver se por esses arredores eu conseguiria o que tanto almejava, o capital para iniciar desde logo meu sonho. Deu-se isso em 1914, quando o paiz começou a soffrer os primeiros sobresal-

tos motivados pelas consequencias da guerra mundial. Encontrei, afinal, um individuo disposto, que me adiantou 40.000 *dollars* por conta do restante que me daria, logo que fosse necessario. Durante esse periodo de espera, concluia eu *The Escape* e desenvolvia, ao mesmo tempo, o scenario de *O Nascimento de uma Nação*, utilizando, para isso, o livro "The Clansman" e, do mesmo Dixon, ainda outra historia, *Leopard's Spots*, fundindo-as num só Film e para um só fim. Não tive intenção alguma de dar toques realisticos á producção e nem fazer uma propaganda de heroismo e sacrificio dos feitos daquelles tempos. Jamais, mesmo, entrou a propaganda em meus planos. Dei muita attenção á escolha do elenco. Aquelle tempo, Hollywood não andava assim provida de grandes artistas e artistas de qualidade. Percorri a lista daquelles que já tinham trabalhado commigo, tanto na Biograph, como depois, nas companhias Reliance e Majestic. Preoccupava-me, principalmente, em ter exactamente o artista necessario para os papeis. Principalmente para o papel do "pequeno coronel", que era importante. Minha escolha cahiu em Henry B. Walthall, para mim, até hoje, um dos mais admiraveis artistas que já teve ou terá o Cinema.

— A escolha de Walthall trouxe reclamações de meus associados, dizendo, elles, que Walthall era de pouca estatura e physicamente pouco expressivo e, portanto, pouco adaptavel, perante o publico, ao papel fascinante de heroico coronel sulista. Eram objecções certas, sem duvida, em grande parte. Apesar disso, no emtanto, eu reconheci em Walthall aquillo que elle realmente tem, uma quéda decidida para dominar as platéas pela sua perfeita representação e, dessa fórma, mantive Walthall, certo de que sua arte não trahiria minhas esperanças. Uma noite, no emtanto, uma solução simples veiu ao meu cerebro. Nós o chamariamos de "pequeno coronel" e, dessa maneira, impedindo que a critica cahisse, impiedosa como sempre, sobre o caso da estatura de Walthall e foi assim que Henry B. Walthall transformou-se no "pequeno coronel" que, até hoje, é uma das figuras de Cinema mais consagradas pelos "fans" da velha guarda.

Nesse momento da entrevista, a secretaria de Griffith, que tudo acompanhava com interesse, em nossa palestra, apresentou, diante de nós, um cartão amarellado pelo tempo e onde se liam os nomes dos que participado tinham daquelle successo Cinematographico e, nomes esses, mais tarde famosos, muitos delles. Aqui estão elles.

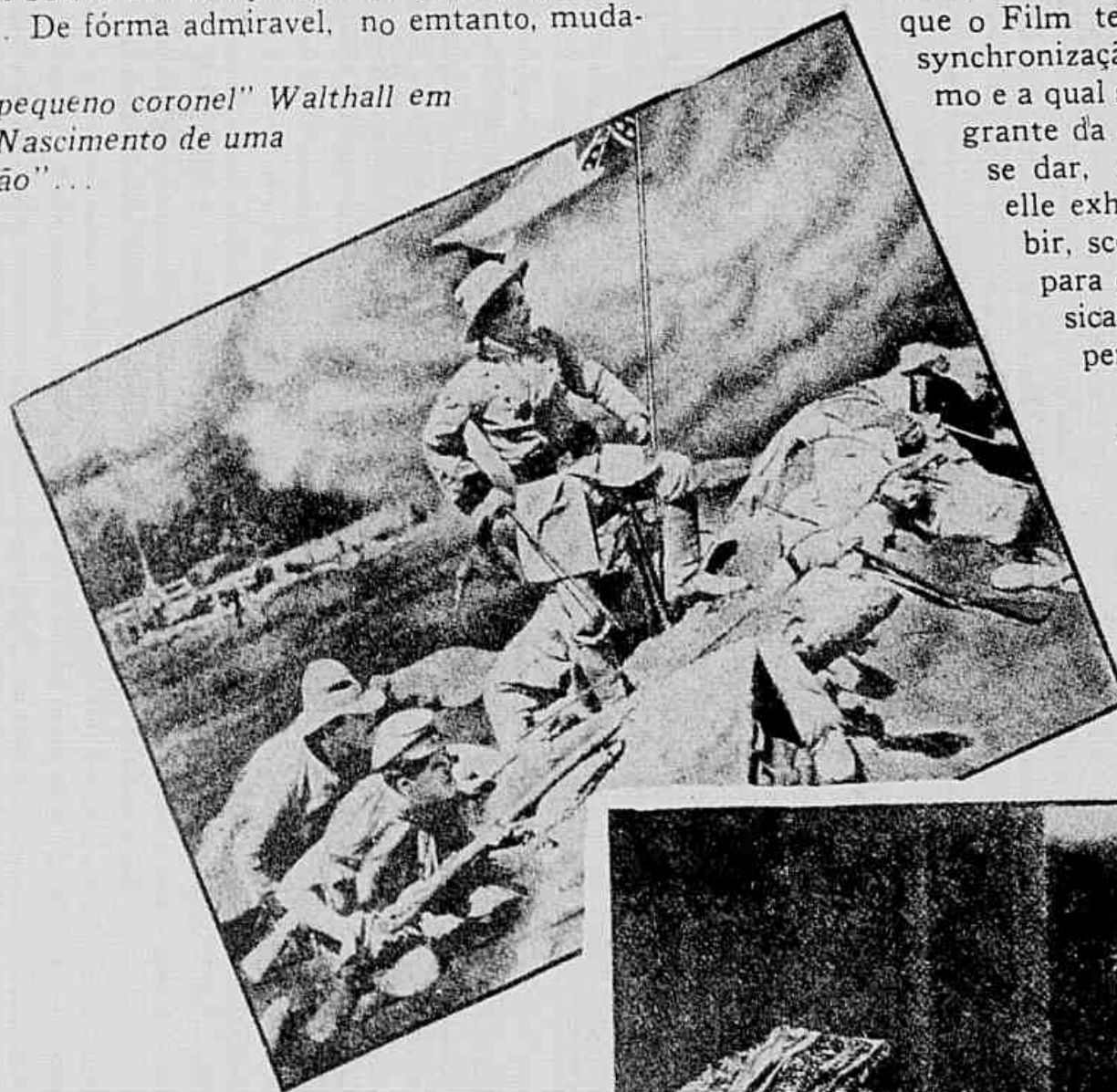
— Henry B. Walthall, Mae Marsh, Miriam Cooper, Josephine Crowell, Spottiswoode Aitken, Ralph Lewis, Lilliam Gish, Elmer Clifton, Robert Haroon, George Siegman, Walter Long, Mary Alden, Joseph Hennaberry, Sam de Grasse, Howard Gayo, Donald Crisp, William de Vaull e Jennie Lee.

Commentando essa impressionante collecção de nomes, para aquella epoca, Griffith creditou o contracto de Lillian Gish como obra exclusiva do acaso. Lillian Gish tinho sido o successo de *The Good Little Devil* (O bom diabinho), uma peça de David Belasco. E este productor mandára-a á Caliornia para um descanso merecido, depois do successo. Griffith encontrou-a numa rua de Los Angeles e persuadiu-a a acceitar um dos capitaes papeis do Film. Não é exacto que ella tivesse soffrido vexames por causa desse mesmo papel, como muitos, maldosamente affirmaram. Ella lucrou e muito, para sua fama artistica, com a inclusão de seu nome no elenco desse Film de Griffith.

Continuando com sua historia, Griffith encarou, antes de mais nada, a posição primitiva da industria e dos productores em 1914. Por exemplo: — as Filmagens eram todas externas e ao sol. Para isso, portanto, o bom tempo era indispensavel. Seguia elle habitos de theatro, ainda e, assim, punha toda sua companhia em ensaios, seis semanas antes de começarem as Filmagens. No serviço em que hoje são applicados doze ou mais homens, serviço de tomada de scenas que naquelle tempo eram avaramente feitas porque uma retomada era sempre difficil e quasi impossivel, mesmo, Girffith contava *apenas* com Billy Bitzer, que, durante varios annos, acompanhou-o. Elles, juntos, arranjaram uma serie de innovações Cinematographicas e differentes de todas quantas usavam os directores daquelles tempos. O *long shot*, ou seja, o plano infinito, aquelle que apanha o maior espaço de paizagem possivel e a photographia de effeito nocturno foram pela primeira vez empregados em *O Nascimento de uma Nação*. E tambem ás idéas de Griffith e Bitzer deve o Cinema a mudança de fócos e o aperfeiçoamento do *fade out* (escurecimento), cousa essencial á pontuação devida de um scenario.

— Com o elenco todo escolhido e ensaiado, encontramo-nos promptos para iniciar Filmagens. Depois de longa procura, assistentes meus conseguiram encurralar innumeros animaes de montaria para as scenas de combate. Sob circumstancias outras, isto teria sido facil. Por essa epoca, no emtanto, a Inglaterra, França e Russia nada mais faziam do que comprarem, quanto mais podiam, cavallos e mais cavallos em todos os recantos do universo e para serem usados na verdadeira guerra que por lá se travava. Se me lembro ainda correctamente dos numeros, tinhamos, então, cerca de 3.000 cavallos, á nossa disposição e 15.000 homens para as manobras a serem Filmadas, parte delles como Unionistas e, parte como Confederados. A folha semanal de pagamento era assustadora...

— Ao fim de dois mezes de Filmagens, os meus iniciaes 40.000 *dollars* já se tinham ido, integralmente e eu não só devia aos principaes artistas, como, principalmente, aos *extras*, que já começavam a ficar impertinentes e audaciosos na cobrança do que lhes era devido. Por varias semanas, receando ser atacado ou morto, mesmo, pois as ameaças cresciam, eu andei fugindo, posso dizer, por caminho completamente differente para ir da locação para casa. Era uma fuga vergonhosa, mas eu tinha necessidade de a fazer, tanto mais que queria acabar o Film, custasse o que custasse.

— Quasi sempre eu seguia um dia mais do que cheio de doze horas continuas de direcção de um banho, um bom jantar e, depois, mais ou menos refeito, punha-me a visitar residencias de ricaços de Pasadena para lhes pedir dinheiro emprestado, ricaços esses cujos nomes me tinham sido anteriormente apontados. Meus financistas originaes mandavam-me telegrammas evasivos onde promettiam, "para breve", remessa de mais dinheiro. Promessas, no emtanto, não enchem bolsos e nem liquidam folhas de pagamento... De fórma admiravel, no emtanto, mudaram as cousas de aspecto, do dia para a noite. Meu velho amigo Bill Clune, proprietario do Auditorio Clune, um dos theatros mais importantes de Los Angeles, appareceu. Passei varias noites tentando convencer Bill do valor do Film que eu estava fazendo. Cheguei a supplicar a sua attenção total para o mesmo e, em troca de seu auxilio que era minha taboa de salvação, afinal, naquella circumstancia mais do que afflictiva, offereci-lhe uma quóta vantajosa nos lucros totaes e isso eu dava em troca de um immediato emprestimo. Bill era uma alma precavida, no emtanto... Convidei-o a ir até á locação para ver as tropas em acção; as montagens vistosas ali erguidas e, tambem, para assistir aos primeiros *rushes* das scenas mais impressionantes até ali Filmadas. Bill acceitou meu convite, mas esqueceu de levar o livro de cheques...

— Uma manhã, quando estavamos Filmando uma scena de Walthall e seus soldados, seguidos de uma banda, appareceu-me Bill, sem ser esperado. Aquelles soldados, impetuosos, marchavam sorridentes ao sol e dentro de uma perfeita cidade sulina. Clune, especialmente orgulhoso de sua perfeita orchestra, procurava, é logico, ouvir de preferencia a musica, em todos os recantos do mundo onde estivesse... Onde factos e figuras não o tinham impressionado e scenas de emoção o tinham deixado perfeitamente indifferente, enthusiasmou-se elle com a banda e a marcha *Dixie* que tocavam. "Essa musica ficaria um assombro tocada pela minha orchestra! Quanto precisa você em dinheiro e que garantias me offerece?" Terminou elle...

— Nos annos seguintes, pelo cheque de ... 15.000 *dollars* que elle me deixou, naquelle momento, recebeu elle uma mais do que gorda remuneração. Apesar de eu estar mais do que necessitado de dinheiro, necessitado em ponto extremo, mesmo, ainda tive que manter commigo o cheque, intacto, sem o receber e, isso, porque queria exhibir o nome de Bill Clune aos scepticos e principalmente por ser Bill Clune um homem de credito, ali e alguem que sabia onde punha seu dinheiro. Pessoalmente eu me convenço de que a marcha *Dixie*, naquella manhã de sol, foi a salvadora de *O Nascimento de uma Nação*...

A importancia da musica, reconhecida por Bill Clune, já era da cogitação de Griffith de ha muito. Elle proprio collaborara directamente na orchestração especial que o Film teve. Concebeu uma synchronização ideal para o mesmo e a qual seria uma parte integrante da historia. Para isso se dar, correctamente, fazia elle exhibir e tornar a exhibir, scenas e mais scenas, para que a adaptação musical ficasse mais do que perfeita.

(Termina no fim do numero).

O "pequeno coronel" Walthall em "O Nascimento de uma Nação"...

Lillian Gish, Josephine Crowell e Elmer Clifton, no mesmo Film.

"O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO"

ROBERT COOGAN

"SOOKY"...

O IRMÃO DO "GAROTO"...

(THE BROKEN WING)

FILM DA PARAMOUNT

Lolita	*Lupe Velez*
Innocencio	*Léo Carrillo*
Marvin	*Melwyn Douglas*
Luther	*George Barbier*
Cross	*Willard Robertson*
Cecilia	*Claire Dodd*
Bailey	*Arthur Stone*
Maria	*Soledad Jimenez*
Bassilio	*Julian Rivero*
Pancho	*Pietro Sosso*

Director — LLOYD CORRIGAN

Asa Partida

Numa fazenda proxima a uma pequena villa, vivia tranquillamente o fazendeiro Luther com sua filha adoptiva Lolita, uma encantadora joven, cuja formosura fazia della rainha de muitos corações. Luther fazia-lhe todas as vontades e foi talvez por isso que a linda joven adquiriu um genio impetuoso e uma incerteza nos seus modos de viver, fazendo-a acreditar em superstições habilmente inventadas pela sua ama Maria, que não era senão uma vulgar cartomante.

Na villa, a população vivia satisfeita. Todos admiravam a valentia do capitão Innocencio, que se tornára o *mandão* do logar, exercendo simultaneamente os cargos de Governador, Juiz e chefe de policia. A sua dominante personalidade captivara a estima do povo. Ninguem fazia caso das injustiças e falcatruas por elle praticadas, a não ser a formosa Lolita, temida pelo proprio capitão, por ter um genio impetuoso, mais violento do que o delle.

Desnecessario é dizer que Lolita, tambem obrigára o capitão Innocencio a ser um dos seus adoradores. A audacia sempre attrahiu o sexo fragil e o elegante capitão era valente em toda a extensão da palavra. Lolita, portanto, acolhia os galanteios de Innocencio com interesse, porque em amoers, ha sempre um que ama e outro que se deixa amar, e sabedora disso, ella não viu inconveniente algum em... deixar-se amar.,

Maria, predisse, porém, que Lolita só casaria com um joven que cahira do céo, durante uma violenta tempestade... e dias depois, sua prophecia realizou-se. O sol occultou-se atraz das nuvens escuras, uma chuva torrencial desabou das alturas, fustigada por um vento que não era, certamente o da *bonança*... um relampago illuminou o céo e... um aeroplano attingido pelo raio, vem cahir, com seu joven piloto, no pateo da fazenda de Luther...

Lolita, apesar da chuva, foi a primeira ao chegar ao local do desastre e, ao olhar para o aviador desfallecido, convenceu-se de que o vaticinio de Maria se realizára, mormente, ao vêr que o aviador era forte, bem parecido e mais joven do que o capitão Innocencio.

Horas depois, o aviador recuperou os sentidos, mas abalado pelo choque da quéda, veiu a padecer de um forte ataque de amnesia, que lhe obscureceu totalmente a memoria. Lolita tratou-o com carinho e com o decorrer do tempo apaixonou-se por elle...

Innocencio não tardou a descobrir que o aviador, apesar de ter perdido a memoria, tambem estava visivelmente apaixonado pela moça, e usando da sua autoridade de Governador... lavrou um decreto, banindo-o. O rapaz revoltou-se e Innocencio, usando do seu poder de "juiz", sentenciou-o, a ser fuzilado...

Para salvar o aviador da morte, Luther disse ao capitão, que o condemnado era casado e que conhecia a sua esposa... Portanto Innocencio não devia temer que o rapaz se casasse com Lolita, porque isso era impossivel, tanto mais que a esposa do aviodor estava prestes a chegar. Luther, porém, fizera essas declarações. Sómente para ganhar tempo, pois telephonára ao Commando de um regimento, acampado numa povoação proxima, narrando o que estava acontecendo.

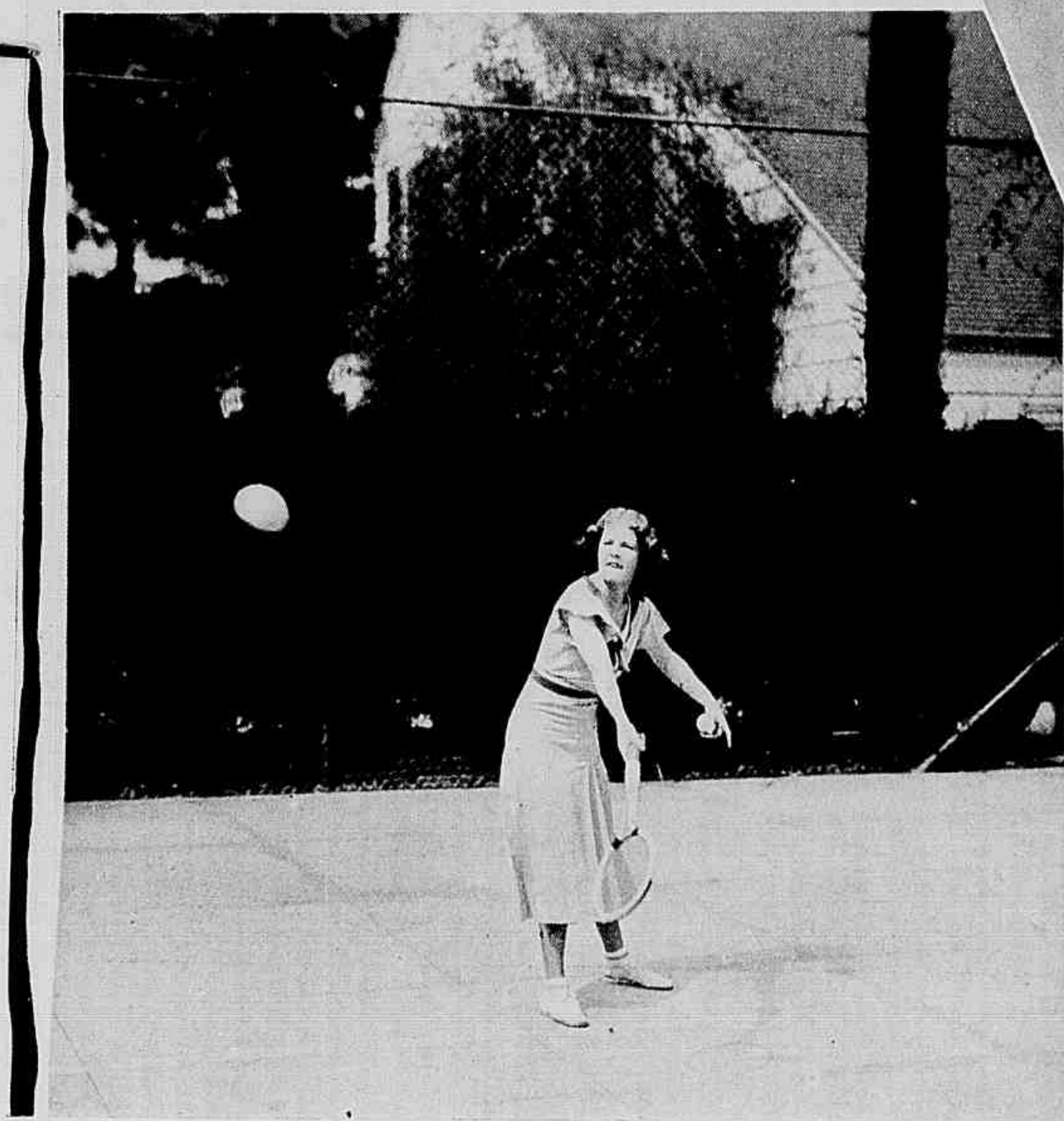
Com a chegada da supposta esposa do aviador, que não era senão uma senhora conhecida de Luther, as declarações deste foram confirmadas, mas o rapaz recuperou a memoria e declarou que era solteiro... Innocencio, mandou-o novamente fuzilar, mas nessa occasião chegaram os soldados que libertaram a victima, prendendo, ao mesmo tempo, o seu injusto "juiz", que, indignado, jurou nunco mais amar, senão... o perigo. Mulheres, para elle, nunca mais existiriam...

Na prisão, Innocencio descobriu um meio para evadir-se, e, ao ver-se em liberdade, viu um aeroplano no qual voavam Lolita e o noivo, em direcção á igreja da villa, onde iam casar-se, e exclamou: "Para elle o amor... para mim o perigo!"

E montando no seu leal cavallo, golopou em direcção ás montanhas entre as quaes desappareceu para iniciar, novamente, uma vida na qual poderia demonstrar o seu amor pelo seu unico soberano. O perigo...

Vivienne
Osborne
Olhos que
matam...

NILS ASTHER VOLTOU AO CINEMA...

Elissa "made in Italy"...

ELISSA
LANDI

Dizem que tem
sangue azul,
mas ainda
não é rainha,
em Hollywood...

NORMA
SHEARER
CINEARTE

Virginia Bruce

O novo amor de John Gilbert...

Um presente do outro mundo!

(Especial para Cinearte)

O Cinema é universalmente acceito porque agradando aos olhos, faz bem ao espirito e a imaginação. Elle é o "beguin" dos povos e na alma e no coração do mundo inteiro occupa logar proeminente.

O Cinema é o bello. E tambem a prova de que "o bello é tão util quanto o que é util ou mais ainda", como já declararam muitos escriptores celebres e o mundo disse "amen."

O Cinema diminuiu a classica distancia que separava um palco, de um camarote; a arte, da sociedade; distancia que os preconceitos taxavam de incommensuravel...

O Cinema é universalmente querido porque se baseia na vida nossa de cada dia e sabe apresental-a como todos os corações almejavam que ella fosse.

Num dos seus melhores momentos em "Ganga Bruta"

Hontem a gente lia romances e via peças theatraes. Deçava-se soffrega sobre outras vidas, a sentir todos os seus dramas e emoções escassas em situações convencionaes. Hoje vemos os Films. Ver Films é sonhar accordado com a vida, a felicidade e a realidade. E sentimos todos aquelles estados de alma em situações variadas e multiplas que os Films trazem. No conforto de uma poltrona, na penumbra convidativa, admiramos o desenrolar de outras vidas, sentimos a tragedia dolorosa de outras almas, apreciamos a novidade de outras terras e a ironia das situações nas comedias. Colhemos exemplos preciosissimos sob esta forma de diversão que os "snobs" taxam de frivola...

O Cinema reúne em si a harmonia da musica, a eloquencia persuassiva da litteratura e o poder diffusor da imprensa.

O Cinema é bem uma nova arte, a "Setima Arte" com uma belleza toda unica, especial e humana.

O Cinema é o meio mais admiravel de transmissão de vida, educação, sentimentos, ideaes e progresso.

E' por isto e por outras cousas mais, que precisámos ter um Cinema Brasileiro. Um Cinema nosso, com Films ao nosso feitio, Films para nossa gente e nossos "fans" que são uns dos mais cultos "fans" do mundo. Films que sejam vehiculos transmissores pelo proprio Brasil, de nossos sentimentos, costumes, ideas e progresso como Nação.

E no Brasil já ha pessoas que sabem raciocinar sobre o valor dessa "simples diversão" que é a 4.ª industria dos Estados Unidos. E' por isto que em nossa terra já existe um nucleo como este, formado no bairro de S. Christovam, que se chama CINÉDIA. Que dia a dia cresce, desenvolve-se, modernisa-se e já é uma pequena cidade. Uma cidade de idealisadores — e por que não dizer realizadores, se o proprio studio já é uma realidade estupenda?! Um dos maiores passos dados no Cinema Brasileiro, por Adhemar Gonzaga seu incentivador incansavel!

Pois a Cinédia já é uma pequena cidade de sonhos. De lá já sahem esses raios luminosos que são a aureola das estrellas e que illuminam a vida de muita gente. Os Films, que são fomento de esperanças e sonhos. Cinédia já tem tambem sua "maquillagem" quasi completa e o toque final no seu "make-up" technico ficará terminado muito breve. A Cinédia tambem já tem suas historias de lagrimas e desillusões, os seus corações partidos e suas pequeninas rivalidades. Todo este cortejo emfim de pequeninas banalidades que são as cellulas constituintes desta divindade brilhante — a fama!

Todo o "fan" sente os Films. E sentindo-os não pode deixar de estimar as interessantes figurinhas que podem alimentar a phantasia dos "fans" e vamos encontral-as formando o elenco artistico da Cinédia. São silhuetas que vão "viver" "plots" de romances na imaginação dos "fans" assim como seus papeis nos Films. O exotismo de Lelita Rosa. O encanto de Alda Rios. O romantismo de Ruth Gentil. O sorriso de Corita Cunha. A bizarria de Carmen Violeta. A simplicidade de Camen Santos, A fascinação aurea de Lú Marival. E agora mais uma para lista — Déa Selva, outra loura que vem provar e confirmar que nossos Films são para "gentleman", e que com Lú, está no elenco de "Ganga Bruta", o Film das louras, o Film que será um "cocktail" de delicias para os solidarios das idéas de Anita Loos!

Déa Selva foi um presente de Natal para o Cinema Brasileiro. Sim, o Cinema tambem ganha presentes... Ou por outra: elle é assim uma especie de Papae Noel. Recebe presentes para dal-os após aos "fans", em doses deliciosas que são os Films!

Papae Noel hoje em dia anda muito sem cotação. Ninguem mais crê nelle. Está mais desacreditado do que a Jetta Goudal ou o Tom Mix... Noel hoje com cotação só a Francis, aquella "platinum" perigosa... dirão os "fans." Mas quando chega o Natal, e o Cinema nos dá um presente tão do outro mundo como esta divinal Déa Selva, que surgiu no nosso Cinema no Natal passado, a gente tira uma conclusão: ou Papae Noel, existe mesmo, ou elle é o Cinema!

Olhando a "camera" que a tem olhado...

Déa Selva é um sonho de Natal, um sonho do Cinema, um sonho completo que é uma realidade adoravel. A estrellinha que é o maior "hit" actual da Cinédia, é encantadora em sua belleza de "bibelot", seu talhe de adolescente, seu geitinho mimoso de boneca e seu arzinho angelical. Fina e fragil, muito clara com cabellos empoados de ouro e um penteado especial, Déa tem um rostinho cheio, bocca de cereja madura, labios finos e um sorriso meigo, cheio de luz e brejeirice. Os labios não são humidos, mas têm mais "it" do que os de Marie Prevost. O perfil é delicadissimo e os olhos, um "tabú" para o peccado, claros e perfumados de felicidade.

Mas Déa Selva não é sómente uma belleza de estatueta. Ao contrario, possue uma personalidade interessantissima e uma graça viva e inebriante de meninamoça, que prende. E é este, creio, o secrego do encanto magico e sem egual de sua radiante juventude.

Déa é uma creaturinha toda feita de brandura e carinho, e este conjuncto de meiguice é uma delicia para os olhos e o espirito. Ella sabe harmonisar a voz e as maneiras com a belleza e a graça da sua juventude.

Seu typo é o de uma ingenua. Mas ingenua em geral dá uma idéa da falta de sal e sôa mesmo mal. Déa, porém, é uma "ingenua sensual" e este primeiro "slogan" do Cinema Brasileiro (como ella já é conhecida pelos "fans", aliás) diz melhor, se já não diz tudo! Se Déa é suave e divinal como a musica sacra, tambem é morna e apaixonante como uma canção parisiense. Mas tem ainda um perfume de espiritualidade a dourar-lhe o rostinho bonito.

Já que ella é de Cinema, sua belleza primaveril deve ser detalhada Cinematographicamente. Déa lembra todas as louras espirituaes da tela. E' o typo da pequena que Chaplin escolheria para sua heroina. Em pessoa parece um lyriosinho de Griffith. No Film e nas photographias já é a meiguice maviosa e terna de Madge Evans. Mas Déa, na verdade, é toda feita de uma infantilidade aureal como Anita Louise (e tem a mesma idade!). Cheia de candura poetica como Helen Chandler. De uma magia suave como Virginia Cherril... E de uma delicadeza subtil e espiritual como Helen Twelvetrees... Seu sorriso tem alguma cousa da graça irresistivel da Mary Pickford dos tempos que se foram. Mas no fim das contas é difficil dizer-se com quem Déa Selva se parece verdadeiramente, porque ella possue em suas feições e personalidade, uma grande quantidade dessa "coisinha preciosa" (não é amor...) que se chama inéditismo, e que é ella propria — Déa Selva a garrida estrellinha da Cinédia.

Déa é pernambucana e foi criada no Rio. O sol da nossa terra ao envez de tornal-a morena, concretisou toda a luz e o calor de seus raios naquella cabecinha, envolvendo-a num encanto aureo. E os cabellos louros de Déa não seriam talvez uma evocação aos seus antepassados hollandezes?

Déa que vem do lar para a realisação de um sonho querido na arte que adora, admira o Cinema e nunca sentiu tentação pelo theatro, assim como não sente pelo "flirt"... Gosta muito da Cinédia e tem loucura pelo studio, onde aprecia estar. E Déa é estimadissima na Cinédia e por todos que a conhecem. Merece, aliás. E' adoravel e insinuante na distincção de suas maneiras e na graça joven de sua palestra. Déa é simples e agradavel e seu senso humoristico é interessante. E' querida por seus collegas, que a rodeiam de um ambiente de distincção, e por todos que a conhecem. Eu que a conheço tambem, acho sinceramente que ella merece tudo isto. Por sua educação fina e por tudo o que observei numa palestra com ella. Déa é attenciosa e sabe ser collega e gentil. E' intelligente e sabe ser despretenciosa e sincera. E' uma estrella e sabe ser simples, delicada, garota e bôa amiguinha, sem perder a distincção.

Não gosta de elogios rasgados nas entrevistas. Aprecia antes de tudo, a verdade. Creio que lhe fiz a vontade neste artigo.

Nas Filmagens Déa é cercada de um ambiente de consideração e sympathia. Eu tenho a impressão que no Film ella deve ser dessas que obsorve para si todas as attencções do publico. E' porque seu encanto é espontaneo e sua attracção pessoal, irresistivel! E' inutil dizer que seduz, pois isto é evidente...

Artisticamente falando, seu rostinho é photogenico e muito maleavel, registrando bem as emoções e os sentimentos exigidos pelo director. Humberto Mauro está satisfeito com sua nova estrellinha. Déa é uma artista de personalidade sensivel e captivante. E é tambem elegante naquellas suas "toilettes" todas especiaes, differentes, mas que revelam gosto.

E' bom que os seus "fans" saibam que Déa canta pelo Radio. Tem uma vozinha afinada e delicada, e além de apreciar o canto, estuda-o tambem. Creio ainda que Déa é poetisa. Mas cantando, é curioso como lembra Fifi Dorsay! Absolutamente não porque pareça-se com a francezinha de Hollywood, nem tenha a sua "pimenta", nem sua vozinha "fanhosa." Simplesmente porque quando canta com seu "it" peculiar, deixa a gente no ar, assim com um geito de Marlene, "made for Sternberg"!

Em nossa conversa, Déa teve occasião de referir-se admirada, ao grande numero de cartas já recebidas. Não pensava ter tantos "fans" assim! Falou-me ainda na sua "chance" em "Ganga Bruta" com a qual está muito satisfeita e espera aproveitar bem. Está egualmente muito satisfeita com a Cinédia e seus dirigentes.

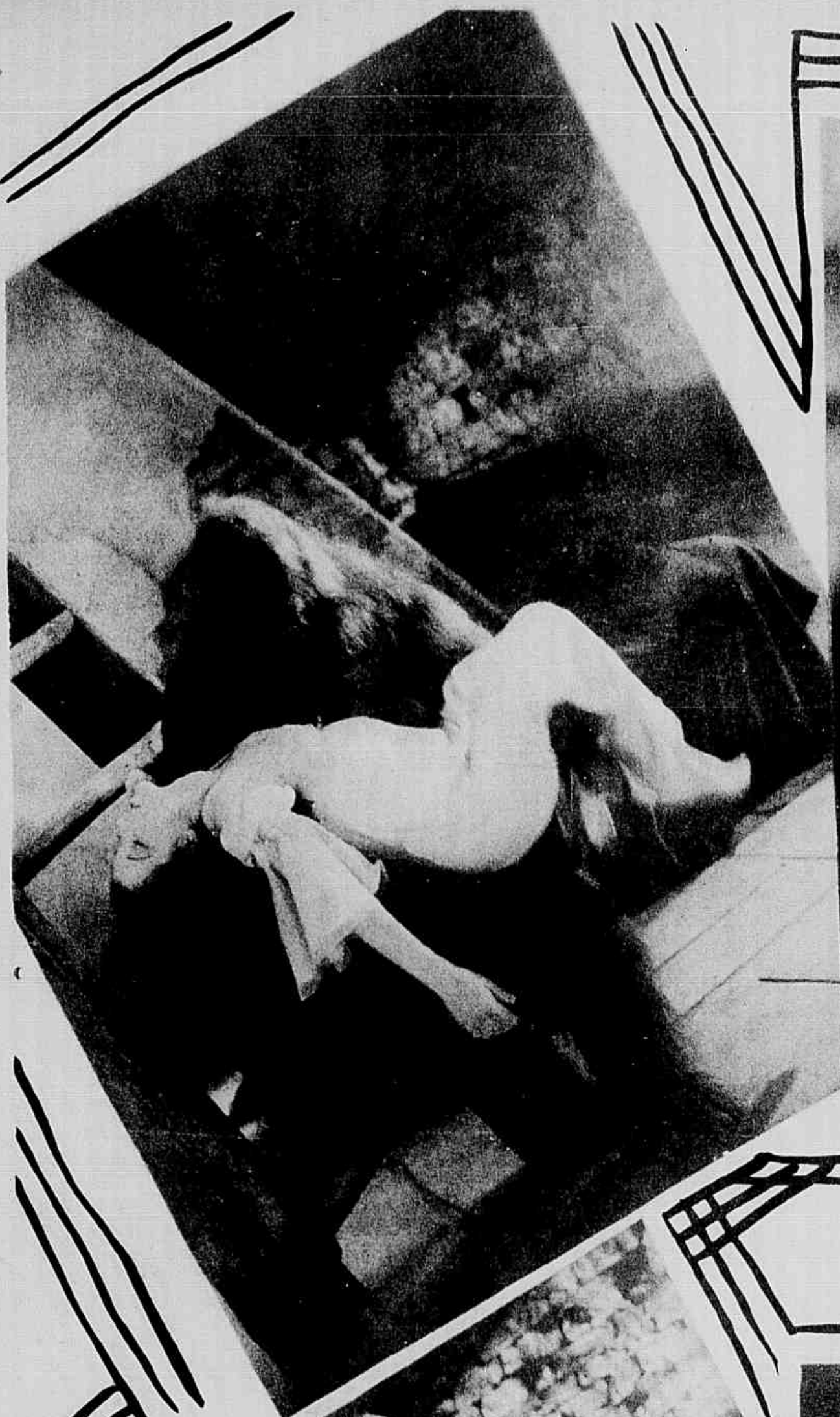
Mas eu não tinha ido entrevistal-a e sim apreciar sua intelligencia numa palestra interessante, e observal-a no seu "at home." Por isto mais falei no que penso da insinuante estrellinha, do que em suas palavras.

Déa Selva é mais suave e lyrica do que um idyllio de Ramon Novarro e Dorothy Jordan... Ella é a "Canção da Primavera" e uma melodia de Strauss, ao mesmo tempo. E o typo da heroina de Alencar adaptada ao Cinema por um bom scenarista. Uma pequena Trilby, radiosa de juventude, a espera de um Svengali. O Cinema talvez... Déa é delicada como o som da harpa e vibrante como o gemio do violino.

Vamos conhecel-a Cinematographicamente em "Ganga Bruta", o Film das louras, que Humberto Mauro está dirigindo. Se já não bastavam Lú Marival Durval Bellini, Decio Murillo, Carlos Eugenio e Ivan Villar no elenco, ahi está o maior "iman" possivel: a loura e querida Déa Selva!

Espero que Déa vença (se é que ainda não venceu!) como "fan" seu que sou. E' quasi certo que a estrellinha já esteja engastada no céo de nosso Cinema. Salvo se o destino se insurgir com a sua eterna ironia de situações... Mas não creio nisto. Déa já é popular!

Nos Films as vezes os artistas agradam e vencem sem a gente saber porque. Talvez devido a sua personalidade, ao seu encanto ou a sympathia da situação

(Termina no fim do numero)

SIDNEY FOX...

DEPOIS DE "FRANKENSTEIN", "OS ASSASSINOS DA RUA MORGUE"...

Dracula...

TARZAN, o filho

TARZAN, THE APE MAN)

— FILM DA M. G. M. —

Johnny Weissmuller .... *Tarzan*
Maureen O Sullivan .... *Jane Parker*
Neil Hamilton .... *Harry Holt*
C. Aubrey Smith .... *James Parker*
Doris Lloyd .... *Senhora Cutten*
Forrester Harvey .... *Beamish*
Ivory Williams .... *Riano*

Director: — W. S. VAN DYKE

Para qualquer pessoa, a Africa é um logar sabidamente cheio de negros, féras, febres, riquezas que tentam e se defendem com trahições da propria natureza... Para James Parker e seu socio Harry Holt, no emtanto, era bem mais do que isso! Elles sabiam da existencia de uma jazida de marfim, que era a cousa mais portentosa e rica do mundo e cujo descobrimento se traduziria em uma fortuna immensa para ambos. A jazida era uma especie de cemiterio de elephantes, para o qual convergiam todos os pachidermes que se sentiam proximos da morte. Até ali ninguem attingira esse recanto e Parker, por isso mesmo, contava attingil-o na proxima expedição, pois o seu negociar, na Africa, trocando pouco marfim por sal e badulaques, não convinha mais ao plano dos dois exploradores e negociantes.

Preparavam-se elles para a aventura, muito embora nada conseguissem dos nativos, em informações, porque os mesmos pareciam saber e nada querer dizer, quando Jane, a filha de Parker chegou ao local de onde devia partir a expedição para a busca ao marfim do cemiterio de elephantes.

Jane era deliciosa. Morena, olhos verdes, interessante e differente. Vinda de Londres, moderna, sentia ainda sobre si o tédio das grandes cidades e, por isso mesmo, enthusiasmava-se com a perspectiva de immensas aventuras naquellas regiões inhospitas. O pae, é logico, contrariou-se com isso. Levar uma mulher numa expedição, quando, quasi sempre não sabiam se era certa a volta e sendo essa mulher uma filha querida, era cousa quasi impraticavel e elle cedeu quando viu que contrariar seria fazer sangrar de aborrecimento o coração sedento de aventuras da filha.

Era logico que Holt se apaixonasse por ella. Ha annos que não via gente branca e, especialmente, branquissima como o era Jane. Além disso ella parecia corresponder a seu affecto e seu sangue, ha tanto guardado na reserva de puras emoções da natureza, vibrava com a perspectiva de um provavel casamento que lhe desse uma esposa para amar e uma mulher para lhe mitigar o cansasso em dias de grande faina.

——oOo——

Naquelle dia, depois de uma grande caminhada, quando acampavam, ouviram um extranho rumor que parecia vir do mais profundo da terra. Essa foi a primeira emoção de Jane. E horas depois, esbaforido, todo rasgado e mortalmente ferido, um negro cahiu-lhes aos pés, supplice, rogando protecção.

Riano, o interprete e guia, disse, á pergunta de Parker, que o negro lhe contára ter posto os olhos na sagrada jazida dos elephantes e que, era sabido isso não era permittido a nativo algum sem o respectivo castigo. A jazida! Afinal uma luz que se fazia sobre o ultimo reducto dos elephantes cansados! E Parker disse a Riano que obtivesse do negro a direcção dessa jazida. Apenas obtiveram um gesto vago, para uma banda da floresta e, depois, ouvindo sempre, um tremor nervoso de quem sabe que não escapará a morte e ao castigo...

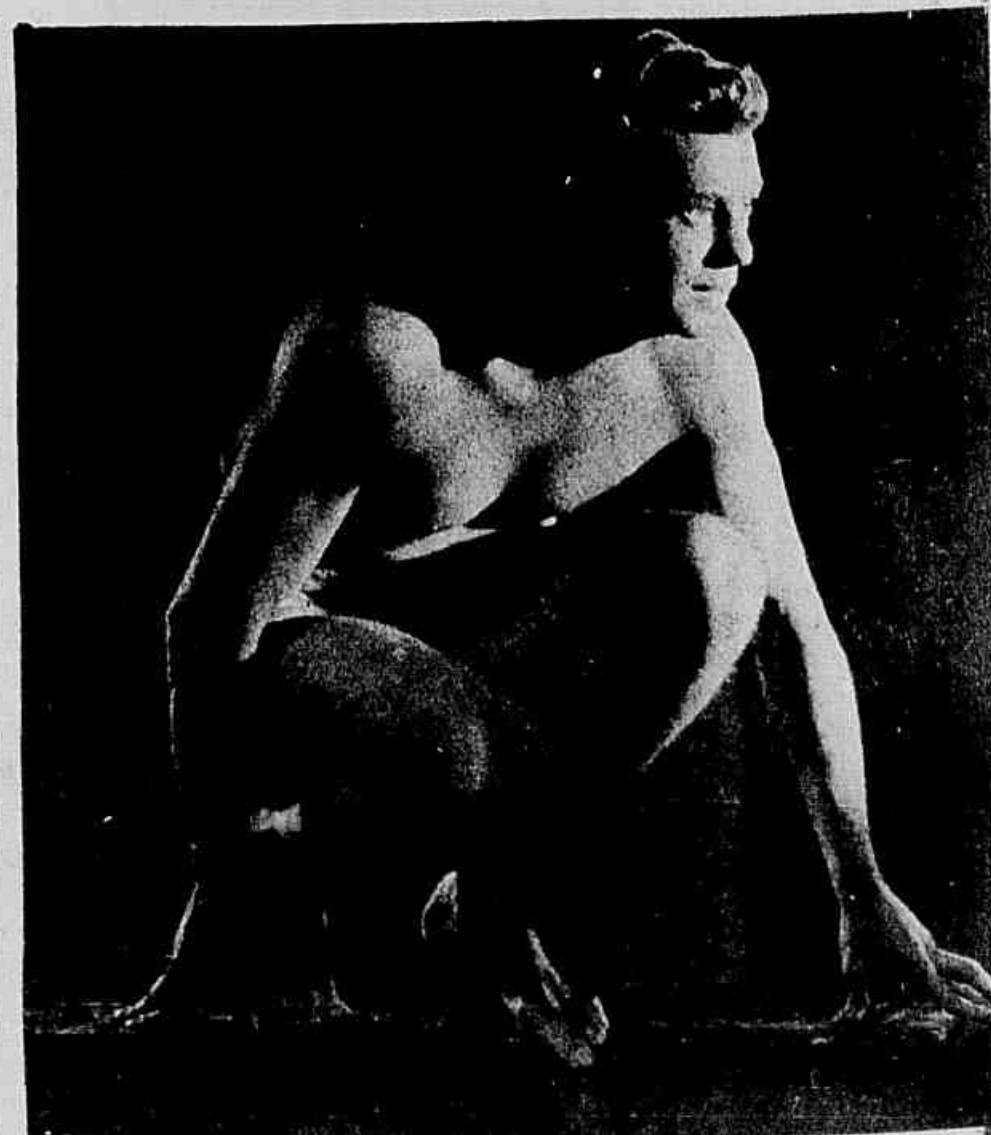
Quando a tribu dos Ubangas se approximou para indagar sobre o paradeiro do fugitivo, Parker e os companheiros, que o tinham escondido, disseram que nada por ali tinham visto. A tribu era dos homens mais valentes daquellas paragens e, para elles, o elephante se era animal sagrado, em vida, o que não o seria depois de morto? E era provavelmente por isso que com tanto zelo guardavam esse jazido dos olhares profanos.

Quando os negros se retiraram, bem longe se puzeram, Parker e os seus correram para o negro agonisante. Queriam que elle marcasse bem a direcção a seguir. Encontraram-no morto. Era o primeiro homem morto que Jane via e a aventura já lhe começou a parecer mais arriscada do que phantasiára... Riano disse que os membros daquella tribu liquidavam a todos que fizessem aquella tentativa. Mas o aviso do guia adiantou bem pouco aos planos de Parker e Holt que, intrepidos e animados pelo enthusiasmo de Jane apenas se lembravam, sorridentes, da direcção vaga do braço do negro, ao lhe perguntarem, agonisante que estava, onde eram essas sagradas jazidas.

——oOo——

Os perigos proseguiram. Uma cobra immensa, aqui, uma aranha desproporcional, acolá. E maiores emoções do que essas não tiveram.

Um dia, no emtanto, quando seguiam os pesados pés de um elephante que marcados estavam pelo chão, provavelmente o caminho certo para o abrigo dos elephantes mortos, viram approximar-se do grupo um homem branco, gigantesco, cercado de macacos. Jane surprehendeu-se violentamente quando o viu. Parker e Holt tambem. Era branco, parecia incrivel! E o gigante parou a poucos passos. Os macacos eram visivelmente guiados por elle. Tambem pararam. Elle se poz a olhar Jane, apenas Jane, com uma interrogação muda no olhar ingenuo. Holt quiz atirar. Parker não o deixou fazer. E apenas se distrahiram quando a chegada de uma tribu de anões puzeram-nos em sobresalto. Parker atirou sobre um delles, promovendo de tal fórma a fuga de todos os outros e apenas o ferindo, fez em seguida todo o esforço para matal-o e lhe dar sumiço, em seguida, porque sabia que, caso contrario, teriam a tribu toda contra. Mas não o conseguiu. Depois, quando se vol-

tou para falar a Jane, não a viu mais. Apparentemente desmaiada, viram-na nos braços de Tarzan, o gigante branco que ali apparecera com os macacos que a passava, em seguida, para os braços de um macaco que a levava para uma direcção de todos ali ignorada. Holt quiz fazer fogo. Parker o deteve. Seria loucura e inutilidade. Com o raciocinio haviam de descobrir o meio de rehaverem a pequena.

——oOo——

Tarzan conduziu Jane a um recinto todo cheio de macacos, jovens, velhos, de todos os tamanhos. Todos, espantados, saudaram com surpresa a chegada daquella estranha. Um que se quiz engraçar e chegar mais perto, foi castigado severamente por Tarzan. E assim foi ella collocada sobre uma grande arvore, pelos braços possantes do gigante que não se cansava de a contemplar com surpresa crescente. Ali não era elle o bicho. Era ella, porque era differente...

Um macaquinho querido de Tarzan logo se affeiçoou a Jane, que lhe deu seu lenço para brincar, alegrando-o muito. Mas a presença de Tarzan inquietava-a. Não era homem, positivamente. Era bicho. Não falava lingua alguma de branco. Vivia entre bichos e falava com os mesmos. Só podia ser um delles... Por duas vezes ameaçou fugir. Por duas vezes Tarzan trouxe-a em dois repellões para seu lado. Uma vez elle a tocou com suas mãos e ella lhe bateu. Immediatamente foi correspondida, levando uma palmada inesperada... Chorosa embora, nada via, naquelle gigante branco, que demonstrasse comprehender elle a sua situação...

A chegada de dois leopardos mais ainda amedrontou Jane contra Trazan. Este sentiu pelo cheiro a approximação dos bichos selvagens e, descendo, rapido, espantou um e matou o outro. E um homem assim era por força temivel, tanto mais que não tirava della os olhos.

Sem dar a Jane a menor attenção, Tarzan levou-a em dois arrastões até uma especie de caverna que tinha ali perto. Deante das lagrimas della, violentas, cada vez mais nervosa e medrosa, pareceu por instantes se apiedar. Não chegou a tanto. Quando ella sahia para fugir, livre das tenazes que eram as mãos delle, agarrou-a Tarzan pelos pés e pol-a de novo a seu lado, já completamente desanimada de chegar ao fim daquella aventura, de novo ao lado dos seus. Apenas o macaquinho lhe fazia companhia e com isso muito se enciumava Tarzan. O selvagem branco, sem nada dizer, preparou, com pelles curtidas, o leito para Jane repousar. Deitou-a ainda a força e cobriu-a com outras pelles. Depois, mais adiante, deitou-se tambem. O macaquinho regeitou a companhia delle, mais ciumento ainda, foi ficar proximo a Jane. E Tarzan, prevenindo-se, poz a seu lado o punhal inseparavel.

das selvas

——oOo——

Leões andaram rondando. Farejavam carne appetitosa, differente e por isso rondaram... Mas aquellas alturas e Tarzan provavelmente conhecido, delles, não os fizeram ousar mais do que escorvar o chão com as unhas ameaçadoras...

Pela manhã, Tarzan trouxe-a para fóra do esconderijo tosco onde tinham passado a noite. Continuou ella a luta pelo seu regresso e, elle continuou segurando-a.

A approximação de uma macaca velha, horrenda, amorosa embora, Jane comprehendeu que a protecção de Tarzan naquella circumstancia era uma necessidade... E quando elle afastou o animal com um berro secco, comprehendendo que ella temia a presença da macaca por ali, Jane sentiu-se quasi reconhecida.

— Obrigada por me ter protegido!

— Me...

Tarzan murmurou.

— Eu disse por me ter protegido...

Continuou Jane, pensando que elle comprehendesse. Mas logo desvaneceu-se essa esperança. Tarzan repetia o "me" que achára curioso. Depois, apontando para ella, disse:

— Me.

— Me, não. Você, sou eu!

— Eu...

— Eu, sou eu. Você...

E vendo que baralhava tudo, deante da completa falta de conhecimento de Tarzan, riu. Tarzan tambem riu. Depois ella se lembrou e continuou

— Eu... Eu...

E apontava para si.

— Sou Jane Parker. Jane... Parker...!

— Jane! Jane?...

Exclamou e perguntou Tarzan, alegre. Jane exhultou.

— Sim, Jane. E você?... Você!...

Apontou para elle. O gigante, agil de cerebro como de musculos, exclamou, rindo, apontando para elle.

— Tarzan!

— Tar... zan?

— Tarzan! Tarzan!

Affirmou elle. Depois, apontando para ella e para elle, rapidamente, riu mais ainda e falou, satisfeito:

— Jane... Tarzan... Tarzan! Jane!

— Isso! Que progresso!

Não poude deixar ella de dizer, embora sabendo que aquillo nada adiantasse...

Depois lembrou-se da volta. Tornou a chorar. Vendo-a assim, Tarzan, sem comprehender, esfregou o estomago, apertou a garganta e mostrou que perguntava se ella sentia fome. Jane comprehendeu. Com os olhos cheios de lagrimas, repetiu sua gesticulação. Tarzan sorriu. Quando se afastava para buscar o alimento, Jane viu a macaca

rondando a arvore. Gritou. Tarzan voltou. E Jane preferiu com elle seguir do que ali ficar deante daquella macaca pavorosa...

——oOo——

Jane comprehendeu, ao fim de caminhada longa, passando pelas aventuras mais extranhas contra macacos gigantescos, animaes de toda sorte, sempre defendida por aquelle homem extraordinario de força e exquisitice que ella comprehendia ser, afinal, o guarda de força poderosa do jazigo dos elephantes sagrados. Inutil seria querer voltar. O util seria ensinar inglez áquelle que nada falava e, afinal, conseguir que elle comprehendesse que seu desejo era voltar.

Quando despertaram, amavam-se. A natureza, a companhia, a luta delle, forte, possante, por ella e ella, delicada, meiga, tudo isso fez com aquelles corações se quizessem com ingenuidade, mas com devoção.

Holt foi o primeiro a descobrir Jane. Feriu Tarzan seriamente nesse encontro, e ella, apesar de se sentir satisfeita por voltar á companhia dos seus, daquelles que a comprehendiam, sentia uma tristeza intensa. Era a saudade daquelle homem-macaco, branco, admiravel, gigantesco, protector e das aventuras amorosas todas que tinham tido sob a ingenuidade do céo puro e das selvas mysteriosas...

——oOo——

O "safari" dos expedicionarios foi atacado pelos pigmeus que vinham vingar o companheiro morto. A vingança delles foi atiral-os á caverna onde se achava, faminto, um gorilla enorme e brutal. Mas Tarzan veiu salval-os com uma horda de elephantes. Os pachidermes arrazaram os alojamentos dos selvagens e, Tarzan, liquidando o gorilla, poz os brancos a salvo. Um dos elephantes ficára gravemente ferido e Parker, apesar de igualmente ferido de morte, não quiz voltar, com o alvitre de Holt. Quiz seguir com o animal que, com certeza iria para o jazigo onde se encontrava todo o marfim que fôra seu sonho maior de mercador. E com Tarzan amparando-o, Parker seguiu, acompanhado de Jane e Holt, em outro animal, mais distante.

Chegaram. O elephante foi direito ao jazigo onde centenas de milhares de peças do mais puro marfim se encontravam, esparsas e empilhadas. Alegre, louco de satisfação, Parker quiz descer. Mas tombou morto. E Tarzan, Jane e Holt ali mesmo enterraram o bravo inglez que assim dava a vida pelo seu maior ideal.

——oOo——

Ao voltarem, Holt já comprehendia que não teria o amor de Jane. Ella era toda de Tarzan. Amavam-se como nunca amor algum conseguira ser. Ella, civilizada, completamente entregue á paixão pelo homem-selvagem que mal falava a sua lingua... Despedindo-se de Holt, ella falou a Tarzan, acompanhando-o sob a luz vermelha de um pôr de sol sangrento como o coração do namorado que partia, desilludido:

— Irei comtigo! Viverei nas selvas, onde quizeres! Serei tua noiva, tua esposa, sob o céo, sob as estrellas, ao sol e deante da natureza. Leva-me, Tarzan!

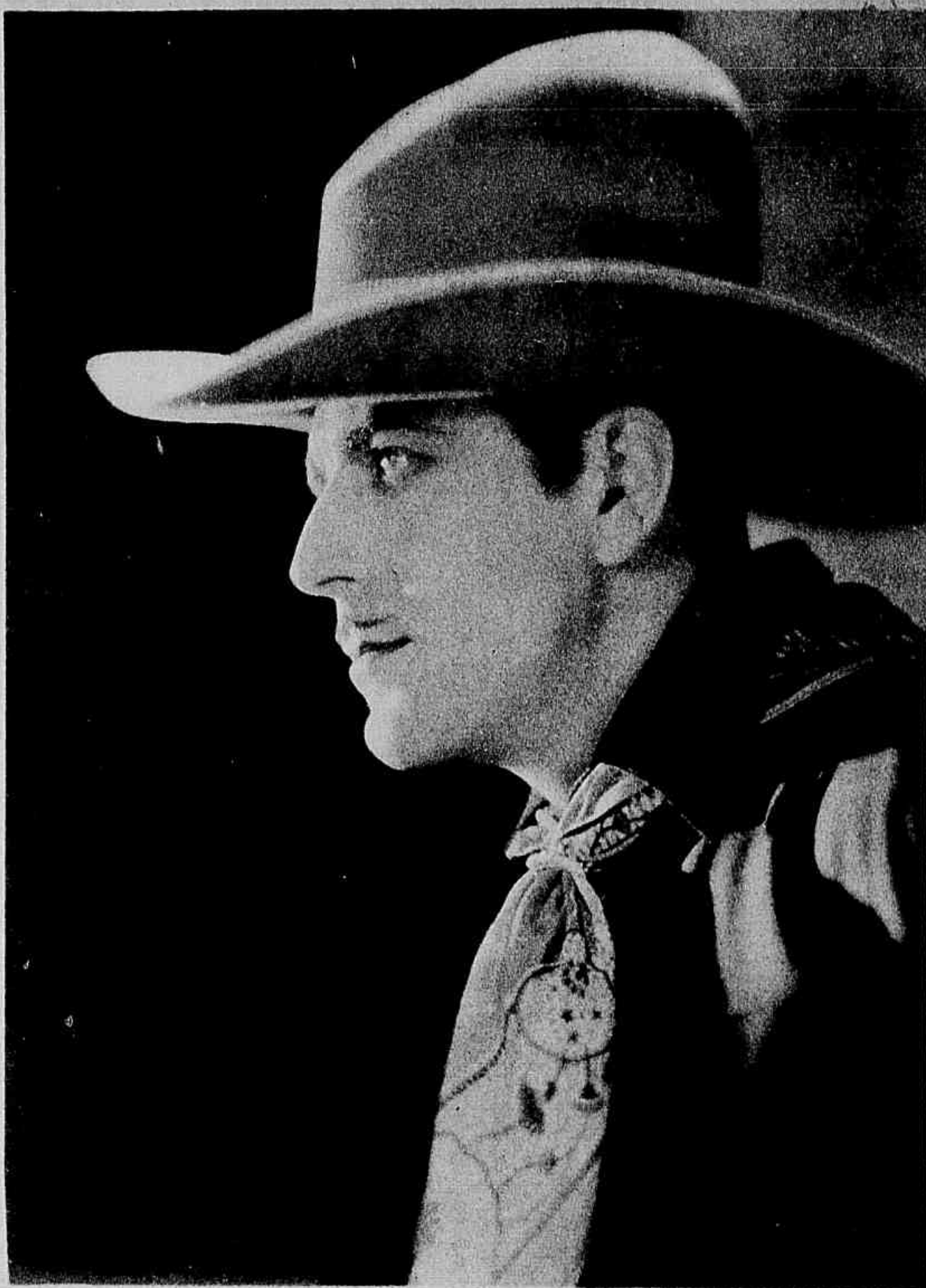
Para os productores Georges Marret, os directores Raymond Rouleau e Léo Joannon, começaram nos primeiros dias de Junho, a Filmagem de "Suzanne", de um "scenario" de Stéve Passeur. O elenco desta comedia dramatica é o seguinte: Yolande Laffon, Jean Max, Florencie e Raymond Rouelau. O operador é Toporkoff. Georges Marret, supervisionará.

"Novidades regionaes" da Fam-Film, interessantissimo Film educativo, foi exhibido no "Pathé-Palacio".

Os "fans" de Porto Alegre continuam a reclamar a exhibição de "Mulher" e pedem-nos para que a Paramount o exhiba naquella capital...

Já estão em actividade os novos departamentos technicos do Studio da "Cinédia", sendo realmente notavel o novo laboratorio e o "cutting-room", cujas espaçosas installações permittem todo o conforto possivel para trabalhar, sendo as unicas no genero, existentes na America do Sul. A Fam-Film aliás, já o está utilizando, para as copias do seu Film.

Warner Baxter

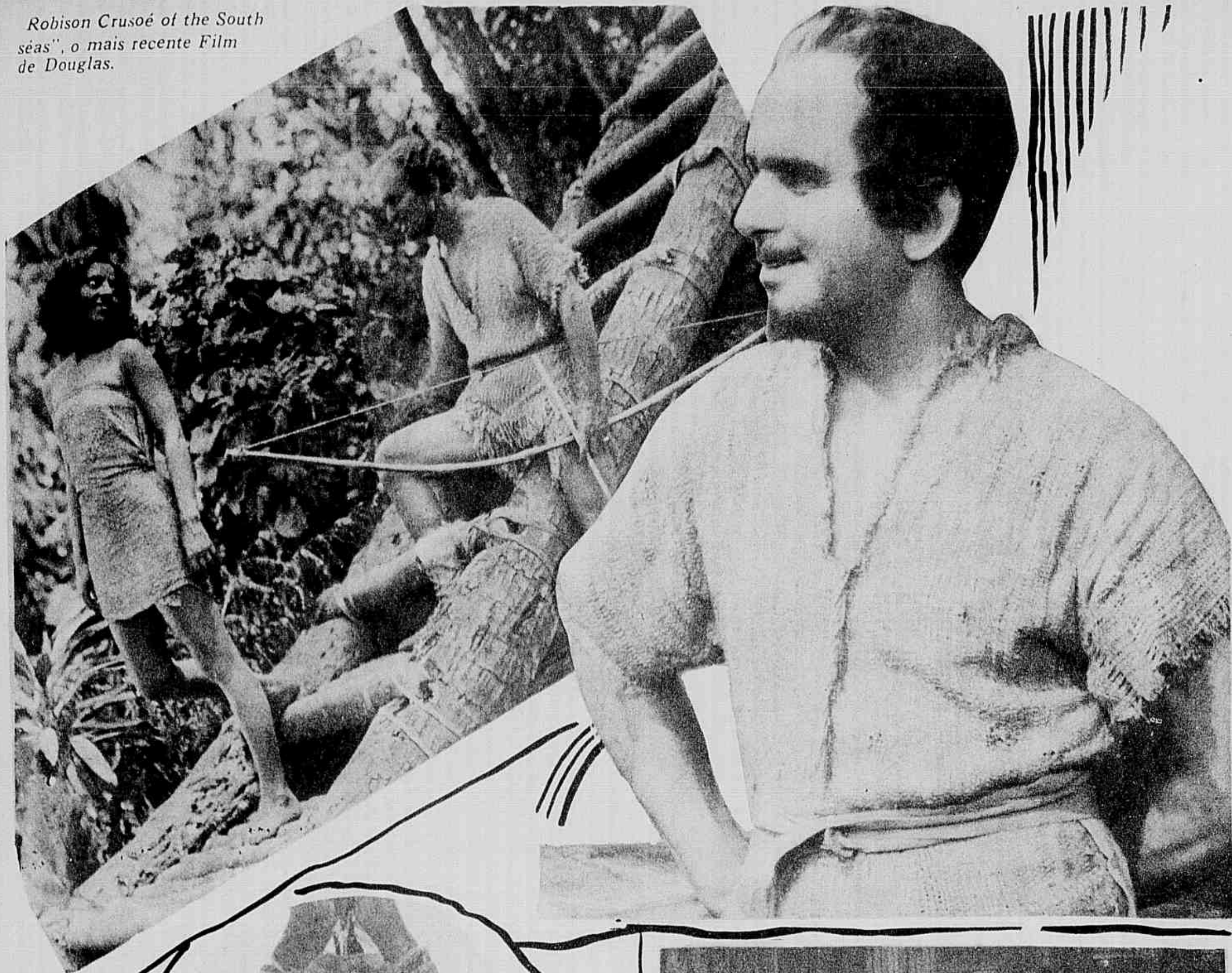
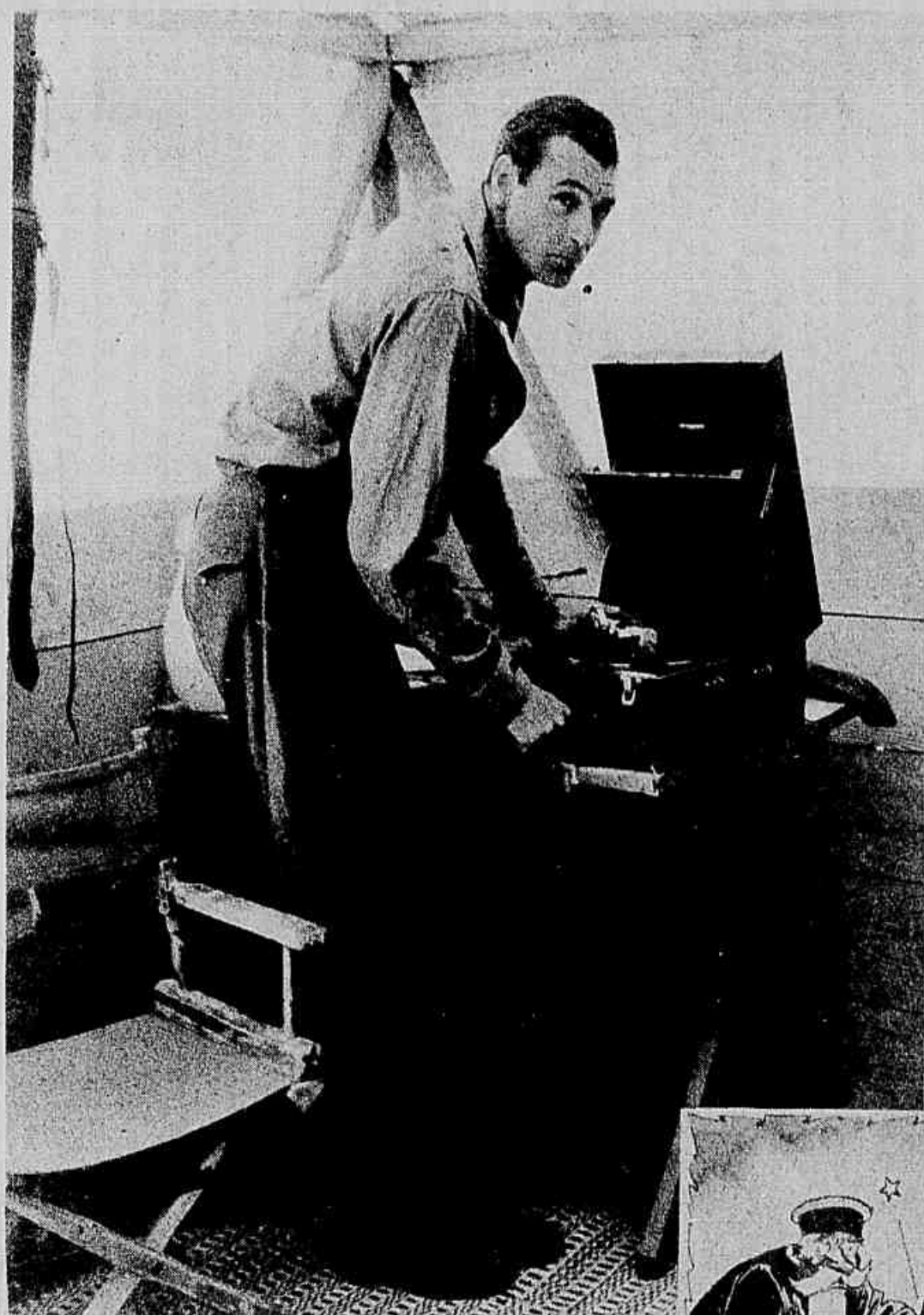
NO VELHO ARIZONA, CISCO KID TEM SIDO O GALANTE AVENTUREIRO...

"Robison Crusoé of the South séas", o mais recente Film de Douglas.

ELLA

E'

MARIA

ALBA...

P'RA QUE CASAR?

Ouvindo "My amado"...? Não cremos...

Já se leu muito a respeito das opiniões de varios heroes Cinematographicos sobre o typo de mulher que prefeririam para um casamento. Mas as exigencias são tantas e taes que, na verdade, essa mulher que todos sonham... não existe!

Conversámos com alguns desses que vivem dizendo o typo que preferem e nunca annunciam o proximo casamento... Sempre seria interessante ouvir alguma cousa delles mesmos.

Phillips Holmes, por exemplo, o rapaz com um perfil de camafeu. A fama apanhou-o inesperadamente. Elle a agarrou, com intelligencia e não perdeu o controle de si mesmo. Hoje é um dos mais procurados galãs de Hollywood e imminente é, mesmo, sua ascensão ao "estrellato." Elle tem um numero colossal de admiradoras. Mas tambem é, no emtanto, o desespero de muitas outras... Aquellas que conversam uma só vez com elle, conhecendo-lhe o bom humor incomparavel e as varias qualidades do seu talento e do seu caracter, agradam-se delle immensamente. Mas quando percebem que elle não é do casamento... desesperam-se! Trata-as a todas com muito carinho, muita delicadeza. Na hora da conversa séria, no emtanto... muda de assumpto.

Certa vez perguntei-lhe por que jamais se tinha casado ou, mesmo, siquer pensado nisso.

— Porque sempre achei que isso ainda não me é necessario, respondeu-me elle.

A unica cousa que lhe consegui dizer, foi, na verdade, um "felizardo!" que me sahiu sem querer dos labios. Elle me olhou e, depois, percebendo, talvez, qualquer cousa que eu nem siquer pensado tinha, disse-me em seguida:

— Imprima isso e eu mato-o, sabe? Você pode ter mal comprehendido o que eu disse e a phrase, aliás, já tem soado mal a muita gente que tem feito a mesma pergunta. Não sophisme, entende? O que eu quero realmente dizer — escute bem e tome nota — é que jamais achei o casamento necessario á minha felicidade pessoal. Sempre achei que demasiada intimidade, seja com a amisade masculina ou feminina, torna a amisade cacete e ella perde toda sua belleza primitiva que era acalentada pelo respeito. Depois vêm aborrecimentos, fatalmente. Não ha pessoa alguma no mundo que nos supporte outra por uma eternidade. Sempre ha um cansaço e é delle que eu tenho pavor ao pensar em me casar. E' um sentimento que eu detestaria sentir por minha esposa e tremeria só em pensar que ella o tivesse por mim... As amargas experiencias da vida, aliás, trazem sempre esse instincto de resguardo e defesa. Ninguem, no mundo, gosta de ser magoado ou offendido. Descobri para mim, portanto, que muito melhor farei se continuar com meu largo circulo de amisades, sem as ter especiaes e escolhidas. Divirto-me, divirto aos outros e não me aborreço e nem sou aborrecido. E não é muito melhor, mesmo, passar uma noite dansando com vinte ou trinta pequenas, umas depois das outras, do que estar a um canto, mãos dadas, discutindo problemas intimos com uma só, ciumenta, fatalmente, a não nos deixar nem por misericordia?... Acho que isso, tambem, vem muito do facto de eu jamais ter "flirtado" uma só pequena, durante toda minha vida. Raramente eu serei visto mais do que dois ou tres dias em companhia da mesma pequena e, isto, diga-se acontece quando entre um Film e outro e ella fôr minha companheira de trabalho. Quando ponho os pés fóra de casa pela terceira vez ao lado de uma mesma pequena, já é um caso extra, para mim. Por isso, é logico, jamais conheci nenhuma dellas intimamente o sufficiente para me apaixonar e procurar, no casamento, o socego final que ás vezes é inicio de disturbios...

Razões soffriveis, diga-se. Defende-se elle com as mesmas e não se defende de todo mal, diga-se. Mas em parte ha falhas na defesa e o melhor é deixal-o com a sua opinião do que discutir contra e s t e solteirão inveterado.

O monosyllabico Gary Cooper, de ordinario tão retrahido, não é propriamente um solteirão. A sua carreira é que se tem opposto á realização de um casamento na sua vida. Elle me explicou um dia, tambem, o seu ponto de vista a respeito.

— Penso assim, porque observo. Veja, um instante, esses galãs todos que se têm casado. A impressão que se tem é que elles se tornaram os galãs das esposas, apenas. Eu jamais tolerarei isso. Entrei para este negocio, porque eu achei que podia conseguir successo nelle. Estando nelle, como estou, espero galgar o possivel. Acho, com sinceridade, que um casamento, para mim, seria a annullação desses planos. Se eu tivesse a sorte ou o azar de estar em outro negocio qualquer, casar-me-ia logo. Mas, neste, não posso pensar nisso com coragem.

De Jack Oakie, quasi um moleque completo, ninguem pode esperar, realmente, um casamento. Suas idéas, apesar de suas pandegas, no emtanto, são bastante curiosas a respeito do caso que estamos encarando.

— Acho que commigo se dá exactamente o que se tem dado com todos que ainda estão nos primeiros passos nesta industria. Agora que eu já tenho successo e já tenho dinheiro, que já posso, em summa, dizer que venci, seja pouco ou seja muito, vou cuidar, antes de mais nada, de dar á minha mãe o conforto que ella merece e nunca teve. Quero installal-a confortavelmente, eis tudo. E ainda mais. Gente que me vê em Films ou me conhece fóra delles, pensa que as unicas cousas das quaes cuido são troça e pandega. Acham, tambem, que se eu sahir com uma pequena, não é para respeital-a. Não pretendo rir a minha vida toda e quero uma esposa, quero, mas não a quero apenas para ser frivola, faceira e pedante. Hollywood tem sido mais do que uma desillusão para mim e para muitos. Já vi homens irem a uma festa com esposa de outro homem e sahirem da mesma com outra ainda... Eu não quero, para mim, essa especie de casamento. Já que aqui é assim, nem siquer convido ou levo pequena alguma a festas. Vou ás festas e limito-me a usar as pequenas que os outros homens levam...

Deixando um moleque, fatalmente teria que procurar outro e por isso fui ter á presença de William Haines, conhecidissimo de todos e mais um solteirão de Hollywood.

— Creatura! Mas p'ra que hei de me casar? Tenho uma casa que está arrumada como eu quero e gosto. Se eu me casasse, fatalmente minha esposa poria ali o biquinho... Meus amigos acham que eu sei lidar perfeitamente bem com uma casa. Já que é assim e tantos acham, p'ra que casar? Tenho minha mãe commigo. Ao lado, uma familia conhecida e amiga. Góso a vantagem da amisade dessa familia que me faz provar o gosto de ter uma e, é logico, sem a desvantagem de ser ella minha e estar sobre meus hombros... Vivo mentalmente casado e corporalmente independente. Não é muito melhor assim?

Alguem que se tem livrado do matrimonio com mais habilidade do que Houdini, o fallecido Houdini, livrava-se de algemas e Ramon Novarro. A explicação delle, intelligente e culto como é, seria por força interessante.

— Tenho procurado o amor, mas o amor como eu sonho. Não tive a felicidade de o encontrar em meu caminho. Se eu me casasse apenas pelo prazer de dizer que sou casado, seria apenas augmentar o numero dos que dependem de mim e numero esse que não é pequeno. Tomo conta de minha grande familia, toda e acho isto um dos meus maiores prazeres, porque a estimo immenso. Casando-me, augmentaria minhas obrigações e chegam as que já tenho. Além disso, seria a perda da pequenina liberdade que tenho, outra grande desvantagem para mim. Tenho certeza que o casamento me daria mais prejuizo do que lucros.

George O'Brien, o cavalleiro dos musculos de aço, o heroe dos Films agitados de sertão, feitos na Fox, outro solteirão. Dinheiro elle tem e sufficiente para viver descansado a vida toda. Posição, pouco se lhe dá. Já tem sido "astro" grande parte de sua vida e, amanhã, se não fizesse nem mais um Film, não se aborreceria com isso. Sempre seguiu, no emtanto, o caminho opposto ao altar. Por que?

— E' simples, disse-me elle.

Na terra, o que mais vale para mim é minha liberdade. Se eu me levanto e resolvo ir a Tahiti, vou. Quero ter essa liberdade de pensar em ir e ir, mesmo, sem ter que dar satisfações a ninguem. Chegando a Tahiti e resolvendo ir dali a Bornéo, tambem vou e apenas tenho que ir. Não é preciso discussão alguma, barulho algum. Casado, não se pode fazer isso. Ha a esposa a considerar. Só a idéa de não poder fazer as cousas como eu quero e gosto me aterra! Dizem que eu sou egoista. Pode ser que isso seja egoismo, mas eu não vejo razão para eu me submetter a um tormento do qual me posso esquivar perfeitamente. Ninguem me está amando, presentemente e, assim, vou vivendo minha vida, feliz e contente, sem caceteações.

Dos novos, isto é, daquelles que agora surgem no Cinema e já têm pequenas com o coração a palpitar, Joel Mc Crea é o primeiro a considerar. Elle foi o galã de Constance Bennett em "Modelo de Amor", lembram-se, não é? E já tem apparecido em outros Films, sempre com successo. E' tambem ave que não está procurando ninho e disse-me a respeito o seguinte:

— Para que me hei de eu casar? Não penso nisso por uma cousa. Casando-me, ficaria a dever qualquer cousa a minha esposa. Imagine, agora, que eu fracassasse — quando ainda me estou equilibrando — e perdesse totalmente a opportunidade. Tenho estado varios annos em lida artistica e apenas os ultimos mezes me têm sorrido. Sei por acaso, que esse successo vae durar? Imagine que eu me unisse a uma pequena e depois provasse ser apenas um fracasso. O que seria della? Quero, antes, ter certeza a respeito do meu futuro e da minha posição. Quero ter a certeza absoluta de que não sou apenas um relampago na noite do successo. Comprehende, agora, a razão do meu "solteirismo"?...

E foi o ultimo que ouvi. Bôas opiniões e uma explicação aos "fans" a respeito do "porquê" desses "mocinhos" persistirem na briga contra o matrimonio.

PEGGY

SHANNON

Agora tem que ser
Lon Chaney em
todos os Films...
BORIS
KARLOFF

(Prestige) — Film da "R. K. O. — Pathé"

Therése du Flos .... Ann Harding
Capitão Remy Bandoin .... Adolphe Menjou
Tenente André Verlaine .... Melvyn Douglas
Coronel Du Flos .... Ian Mac Laren
Major René .... Guy Bates Post
Capitão Frontenac .... Rollo Lloyd
Nham .... Clarence Muse
O sargento .... Tetsu Komai

—:—

NA SÉDE do Commando Geral do Governo Colonial Francez, em Paris, passa-se incidente bastante commum: a substituição de um commandante militar por outro, sendo que desta vez é demitido o de Lao-Bao, na Indo-China, havendo ainda incerteza sobre quem irá para essa desolada possessão franceeza.

O official destituido daquelle posto em Lao-Bao é o Capitão de Frontenac. Acusado de não ter sabido dominar a furia dos indigenas numa rebelião contra o governo territorial da França, o commandante de Lao-Bao fôra chamado á capital e agora assistimos ás reprimendas, que recebe do seu superior, e sua ordem de prisão.

Na Séde Militar estão o Capitão Remy Bandoin, commandante militar de Saigon, tambem na Indo-China, o Coronel Du Flos, commandante geral da Região Asiatica, sua filha Therése, e muitos officiaes.

Consumada a triste cerimonia em que Frontenac perde o seu posto, recebe o tenente André Verlaine a promoção para o commando de Lao-Bao. Comquanto isso lhe cause grande satisfação, pois não esperava ser de prompto distinguido com tão alta honraria, enche-se elle de tristeza porque, estando em vespera de casar-se com Therése, agora não o poderá fazer, visto ter de partir imediatamente para aquella possessão. Mas, como militar, não lhe resta senão obedecer.

Therése, que adora Paris, é que não se sente alegre com a nomeação. Mas, filha de um rigido militar, em cuja companhia se creara, na ausencia da mãe, que lhe morrera quando era pequena, está tambem acostumada a obedecer ordens. O pae de Therése, commandante geral daquella região, acha que a filha não deve seguir já, em companhia de André. Elle que siga solteiro, organize o seu posto, ainda em estado pouco seguro, e depois a noiva irá lá ter, para o casamento.

André parte nesse mesmo dia. Depois de longa travessia, transbordos, viagem em canôas e caminhadas a cavallo pelos chavascaes da Indo-China, chega ao seu posto de Lao-Bao. A rebelião tinha sido aplacada e os nativos, sujeitos agora a mais ferrea disciplina, acomodavam-se com o novo governo. Para exemplo aos mais rebeldes, lá estava a gilhotina, sob cujo cutelo mais de uma cabeça tinha rolado para a cesta fatidica.

O ambiente prestilento, a monotonia do logar, o canto langoroso dos nativos, a ausencia de seres civilizados começam de prompto a sua obra de desintegração moral do joven militar. Como os seus antecessores, busca alivio na bebida, unica companheira de quem é degredado para aquelle inferno.

Quando, mezes depois, Therése vae ter com elle, como tinha planejado o pae, encontra André quasi que dominado pela inacção, escravo do copo, nervoso, perseguido das febres, um simples rebutalho do que fôra.

Mas Therése lembra-se do que lhe dissera o pae: "Vaes para um paiz estranho, minha filha, onde a selva bruta e a gente barbara parece fazer eterna guerra ao branco... André precisa de ti, para que lhe mantenhas acesa a chama do patriotismo e o defendas dos perigos daquella região infernal."

— Bem o comprehendo, meu pae... lembra-se Therése de assim lhe haver respondido, ao que o velho militar acrescentara: "Não deixes decahir o teu prestigio de branca, o prestigio da raça forte, dominadora"...

Therése lembra-se de tudo isso ao ver ali o seu André, quasi vencido pelo "demonio dos tropicos"... Mas não ha de desanimar. Ha de lutar com elle e por elle, para que sobre a cabeça do seu âmado não recaia a pena deprimente de que foi vitima o capitão De Frontenac.

* * *

Havia mezes que Therése e André viviam em completa felicidade. A mão caprichosa da franceza cuidára do arranjo domestico. O grande barracão que lhes servia de residencia e séde governamental de Lao-Bao tem agora ares de solar bem tratado, com seu jardim, e no interior, os poucos moveis de que dispõem estão em ordem, tudo limpo e asseado... Mas com o correr do tempo, volta a monotonia local a se apoderar do espirito de André. Novamente atira-se o rapaz ao consolo deprimente da bebida... O posto militar, ausente a sua autoridade rija, começa a não merecer dos nativos a confiança ou o temor de outróra.

Therése, ainda se lembrando das recomendações do pae, tenta livrar André daquelle torpor que o leva á inactividade e perda do seu prestigio... Mas o esposo, em vez de lhe obedecer as suplicas, irrita-se com ella. Muitas vezes, ambos perdem de todo a paciencia. Brigam, para logo depois, arrependidos, desculparem-se.

Exgotados os esforços, Therése escreve ao pae: "André precisa ser removido daqui. Não ha esperança de o salvar. O posto colonial, sem a autoridade que o governa, pouco falta para que se entregue a uma nova revolta."

Afim de investigar a situação, chega, a Lao-Bao o Capitão René Bandoin, antigo apaixonado de Therése e intimo amigo de André. Com a chegada do guapo militar, ha uma como suspensão de todos os males que afligiam os esposos. Mas André, que logo depois volta a beber, enche-se de ciumes por causa da intimidade toda natural que existe entre a esposa e o official visitante. Em um dado momento, estando René prompto para voltar, André rebela-se contra a esposa: — Sei que queres ir para Paris com elle... Podes ir, quando quizeres! Viverei melhor na tua ausencia, uma vez que em nada me auxilias!

René, que entreouve estas exclamações, aconselha Therése a ir comsigo, pois André, naquelle estado de excitação alcoolica, poderia causar-lhe algum mal. E ella acceita, mesmo porque nada lhe resta a fazer.

Prepado o barco que os deve conduzir, seguem René e Therése para o porto, que fica á curta distancia da casa. Mas, sem que ninguem o suspeitasse, Nham, o escravo de confiança de André, segue-os occultamente por dentro do matto e, julgando que René perpetra uma traição ao seu amo, roubando-lhe a esposa, salta sobre elle, e mata-o! Therése, assombrada, volta para casa, a dar a noticia tragica a André, que permanecia ebrio, desaccordado. Neste momento rebenta nova rebelião entre os nativos. Os presos são libertados pelos cumplices, e formando horda, vêm atacar a casa. André, com esforço sacode de si o torpor do alcool e, lembrando-se do seu passado prestigio, entra armado apenas de um chicote por dentro da turba enfurecida, dominando-os a chicotadas. Um mestiço dispara-lhe um tiro, que o fere num hombro, mas o official não retrocede. Com a ajuda de alguns soldados fieis e a sua reacendida bravura, André domina o movimento. A guilhotina volta outra vez a funccionar... Mais cabeças rolam para o cesto, e a paz volta agora ao posto militar de Lao-Bao graças a reconciliação de André e Therése. Vencia mais uma vez o prestio do branco...

Prestigio

Love is a Racket (Warner Bros-First National) — Douglas Fairbanks Junior, na pelle de um jornalista, não vae mal. Elle, Ann Dvorak, Frances Dee (maravilhosamente linda...!) e André Luguet completam o elenco. Film elegante, interesante por vezes, agradavel em certas scenas e com momentos amorosos que quasi pegam fogo ao celluloide... Não deixem de ver. Douglas, sempre bom artista, tem um trabalho bom e que seguramente, vae agradar aos seus muitos admiradores.

—:—

"Alma do Brasil", da Fam-Film, vae ser exhibido no "Broadway" ou no "Eldorado", segundo fomos informados.

"O expresso de Shanghai"

HONRARÁS TUA MÃE! (Over the Hill) Film da Fox — Producção de 1932.

Outra versão falada que é melhor do que a silenciosa. Qualquer confronto é favoravel a esta. Mae Marsh é superior a Mary Carr; James Dunn muito melhor do que Johnny Walker; Sally Eilers muito superior a Vivienne Osborne (sim, a que agora está apparecendo em varios Films de successo da Paramount); James Kirkwood infinitamente mais agradavel do que William Welsh; os filhos, pequeninos ou crescidos, melhores, todos. A historia, aliás, foi modificada e os scenaristas tiraram grande parte do desagradavel exaggero que se notava na primeira versão. Edna Murphy, na primeira versão, no papel de Phyllis, a nora de habitos amoraes, dava uma bofetada em Mary Carr. Nesta versão Claire Maynard, que tem esse papel, apenas suggere violentamente que ella se retire e põe-se deante do marido com a ameaça: — "ou eu, ou ella", e o marido logicamente prefere a esposa, apesar della lhe ser infiel...

E se considerarmos os directores, então, respeitaremos a memoria de Harry Millarde, que, afinal, dirigiu bons Films, mas com sinceridade preferimos milhares de vezes o cerebro de Henry King, um realizador impeccavel de varios Films que têm ficado na historia do Cinema como verdadeiras glorias.

Sente-se que Henry collaborou no scenario de Tom Barry e Jules Furthman. Nota-se, em todo o desenrollar da historia de Will Carleton, que Henry King zelou pelo menor detalhe. O começo do Film é uma magistral madrugada e, em seguida, o despertar de uma casa de pobres, aquella, precisamente, onde se desenrollará a historia. Em tudo nota-se e sente-se a mão do grande director. Mae Marsh, assim dirigida, reconquista sua posição deante dos "fans" que jamais a esqueceram. Está á altura do papel e demonstra, nelle, o quão admiravel é. Extremamente photogenico seu desempenho e muito humana a mãe que ella corporifica. Ella tem momentos impressionantes pelo Film todo, tanto na sua phase de moça, quanto na de velha. Nota-se nella alguma cousa da mãe brasileira, humilde, simples, toda carinhosa para com os seus. A volta de Jimmie Dunn da prisão, por exemplo, admiravel e está deliciosamente feita.

Em torno della, igualmente esplendidos, James Dunn e Sally Eilers. Realmente um casal de merito. Elle é, sem favor, o unico que pode ser um segundo Wallace Reid, no Cinema. Tem o mesmo riso sincero, amigo, communicativo. A mesma displicencia. Aquella todo de "boy" americano sem malicia e de coração generoso que foi o "it" todo de Wallace, um idolo até hoje. Sally está admiravel, representando muito bem e linda como ella só, cada vez mais. E como Henry os manejou! A scena final, Jimmie e Olin Howland vivem-na emocionantemente e sem o exaggerado grottesco da versão primitiva. Aliás o caracter de Isaac o mau filho, foi adoçado para não ser tão grosseiramente aggressivo como o era o anterior. A luta está impressionante, como sempre as fez Henry King e ha um "shot" de Olin Howland, quando elle se ergue, que é qualquer cousa nova e curiosa em Cinema americano...

Vejam. E' um Film delicado, suave, macio. Vale a pena qualquer sacrificio e Henry King, se não bastar o elenco, estará firme para assegurar o triumpho.

Edward Crandall, Eula Guy, Joan Peers, William Pawley, figuram. Ha muito detalhe e muita observação curiosa que asseguram o merito dos scenaristas e o Film todo prova o talento do director.

Cotação: — MUITO BOM.

O EXPRESSO DE SHANGHAI (Shanghai Express) — Film da Paramount. — Producção de 1932.

Se esta historia de Harry Hervey cahisse nas mãos de outro director, mesmo dentro da propria Paramount, um George Abbott, um George Cukor ou mesmo um David Burton, transformar-se-ia radicalmente o seu valor. Commum se tornaria aquella China. Warner Oland encabeçaria facilmente o elenco e o melodrama se tornaria um rapido, agitado e curto Film em série. Qualquer pequena faria o papel de Marlene. Lilyan Tashman, por exemplo. E o que é, hoje, um Film digno de se ver, nada mais seria, então, do que um "melodrama" commum, ao qual, em materia de situações vulgares, não falta nem siquer o villão que fecha a pequena á chave, no quarto e o galã que entra arrombando a porta...

Graças damos a Josef Von Sternberg por ter lido a historia e por ella se enthusiasmado. Arrancou-a, com seu talento, dos tentaculos da vulgaridade e fez, de todo o material corriqueiro que recebeu para dirigir — material, vê-se escripto exclusivamente para aproveitar a situação anormal da China de nossos dias — um Film cheio de arte, daquella sua maneira de dirigir tão caracteristica e tão photogenica, do seu espirito de encarar a vida que é muito mais interessante e humano do que o de qualquer outro *mistér* director...

O unico momento, na nossa opinião, em que Von Sternberg deixou de ser elle, foi no final. Ali só faltou um "close up" dos pés de Marlene, movendo-se nervosos erguidos do sólo — final que já vimos em centenas de Films... — pois tão agarrada estava ella ao talabarte de Clive Brook... Ali Von Sternberg nivelou-se aos seus collegas acima citados. Ou foi de proposito para corresponder ao exigente "final feliz", nesse caso uma boa piada (não acreditamos nesta hypothese) ou tinha que dirigir aquella sequencia e, desgostoso com a mesma, fel-a sem o seu espirito que, anteriormente, sentiu-se no mais insignificante dos detalhes, no mais simples dos apanhados de machina.

O Expresso de Shanghai, assim, é um Film digno de se ver. Todo elle, aliás, traz aquelle gosto "Von Sternberg", ou antes, para melhor explicar: — são, Cinematographicamente, paginas de um livro fóra do commum, que a gente raramente lê. Aliás, para nós, sempre foi essa a impressão que nos deu Von Sternberg. Seus Films comparam-se aos grandes momentos da literatura, á maravilha fóra do usual de certos quadros, á pujança de certas esculpturas que traduzem fielmente determinadas expressões de uma alma agitada. Von Sternberg faz Film com a alma e sua alma é profundamente vivida, interessante, nova. Neste Film, então, cheio de cousas de uma vulgaridade intensa, mostra elle como é magistral. Esquiva-se sempre do commum. Anda, pelas suas sequencias, como se estivesse passando, em disparada, ao lado de carissimos cristaes... E não os parte e nem os derruba!...

A tela em

O Film dá um sabor exquisito de mysterio. O chinez difficil de comprehender é mostrado com rara habilidade. A photographia de Lee Garmes (elle foi o operador, o que gira a machina, porque ella toda é caracteristicamente Von Sternberg) ajuda a narrar situações. Em certos "close ups", então, como daquelle beijo que trocam Marlene e Clive Brook, no trem, antes de se recolherem e naquelle della, orando, entre outros, muitos outros igualmente admiraveis, a gente tem impetos de bater palmas, tão agradavel, delicioso, refrescante é ver-se uma cousa assim artisticamente feita. O scenario de Jules Furthman é igualmente bom. Mas mesmo neste nota-se a influencia de Von Sternberg, com aquellas suas fusões a lembrar a sequencia passada — aliás pouco usadas, neste Film — e varios outros andamentos caracteristicamente seus. Do elenco, esta vez, nada de novo se pode dizer, a não ser que Marlene Dietrich, ao contrario de *Deshonrada*, neste não é "estrella". O "astro" unico, esta vez, é Von Sternberg. Ella é uma tinta e, diga-se, admiravel, incomparavel, mesmo! Dá extraordinario brilho a todos os momentos em que figura e seduz, arrebata, em certos momentos, tanto entra pelo espirito da sequencia a dentro... Clive Brook, optimo, com uma opportunidade superior a muitas que vinha ultimamente tendo. Salienta-se e luta com Marlene em absoluta igualdade de condições. Anna May Wong, curiosa, exquisita e bem aproveitada pela direcção tão exquisita e bem aproveitada pela direcção tão exquisita e curiosa quanto ella. Seu papel, friamente analyzado, é fraco. Mas a direcção soube tirar o mais simples partido da minima opportunidade. Warner Oland, differente e magnifico, igualmente. Eugene Pallette, uma boa nota engraçada no Film. Louise Closser Hale, se bem que um pouco exaggerada, outra identica. Bons os papeis de Lawrence Grant, Gustav Von Seyffertitz e Emil Chautard.

Vale a pena ver. Não esperem um Film com o classico casal amoroso e mais um villão cheio de dinheiro e bigode. E' um Film de Von Sternberg e este aviso é tudo. Quem não gostar de differentes aspectos sobre um aspecto só, não veja. Mas haverá quem não goste?...

Vão ver como o cerebro de um homem que conhece Cinema transforma um melodrama em diversão intelligente.

Cotação: — MUITO BOM.

DELICIOSA — (Delicious) — Film da Fox — producção de 1931.

Deliciosa é um Film que fará successo. Quem o assistir, não será propagandista contra o mesmo, deante dos amigos e quem o commettar não deixará de dizer que é uma hora e tanto que se passa sem se pensar no relogio e nem lastimar o preço da entrada. Além disso, Raul Roulien, nosso patricio, artista que o nosso theatro deu ao Cinema americano e que logo no seu Film de estréa tem um segundo papel masculino num elenco afinado e chega a tocar com os labios o rosto de Janet Gaynor, Roulien trabalha em *Deliciosa* e só isso é uma recommendação para que ninguem deixe de o assistir. Não que o facto de Roulien figurar num Film seja o sufficiente para elle ser assistido, bom ou máo. Quando fôr máo, dir-se-á, com a mesma franqueza. Mas *Deliciosa,* além de ter o nosso Raul Roulien, victorioso, typo de Cinema, photogenico, agradavel, bem photographado e falando cantando, num inglez razoavel e com aquella sua voz bonita e tão brasileira, no seu ardor apaixonado, além disso, é um Film bem feito, com uma direcção razoavel de David Butler e o casal que mais dinheiro dá ás bilheterias do mundo: — Janet Gaynor — Charles Farrell.

Como Film, *Deliciosa* não se aproxima nem de leve de *Papae pernilongo* ou *Mary Ann.* E' do nivel, mais ou menos, de *Um sonho que viveu,* para melhor. David Butler, aliás, é um director

despretencioso que nada fez de notavel, até hoje, mas sabe, muito bem, como conduzir um Film para o agrado do publico. A musica de George Gershwin, além disso, é admiravel e o scenario do autor da historia, Guy Bolton, com a collaboração da Sonya Levien, não é mau. Ha um sonho para pretextar numeros de musica e apotheoses. E outras cousas interessantes que enchem olhos, ouvidos e coração.

Nada mais do que isso.

O que se lastima, no emtanto, é que o Film tivesse um tratamento mais sério, fosse mais digno de applausos e não tão agua e assucar. Assim Roulien teria tido uma primeira opportunidade de verdade, já que tão romantico era seu papel e nós poderiamos ainda mais orgulho delle ter. De toda fórma, é um principio que satisfaz e um Film que agrada. Ha scenas delicadas entre Janet e Charles e ambos, como sempre, sympathicos, agradaveis e sinceros. Janet, linda e deliciosa, realmente, domina o Film. Charles Farrell tem um papel bom e fal-o na sua fórma usual. Virginia Cherrill que Carlito fez famosa em *Luzes da cidade,* num papel ingrato e antipathico, ainda consegue alguns *close ups* felizes. El Brendel rouba todas as scenas em que apparece. Manya Roberti, Marvine Maazel, Mischa Auer, Jeanette Gegna, Olive Tell e Lawrence O Sullivan, figuram.

Assistam e apreciem. Mas pelo amor a Deus não pensem nem em analysar a historia e muito menos na logica de suas sequencias. Fóra disso, é uma esplendida diversão.

Roulien fala aos brasileiros num prologo annexo ao Film. São palavras sympathicas, amigas e sinceras, as suas. Só com essa apresentação já conquista as platéas. E é tão bonito ouvir a palavra saudade fallada em nossa lingua e vinda de uma téla de Cinema... Até nisso elle foi feliz e o interesse que notei pela sala, na enchente enorme do Cinema, em tudo, em summa, era todo de Roulien.

Cotação: — BOM.

DEPOIS DO CASAMENTO (The bad girl) — Fox — Producção de 1931.

Como Film de Frank Borzage, não é dos melhores, mas, tem as suas qualidades. O assumpto é muito humano e bonito.

Como estréa da nova dupla: Sally Eilers e James Dunn, não está á altura da reclame que se lhe fez em torno.

Aquella casa onde Sally morava, tem detalhes admiraveis, que fazem lembrar logo "O turbilhão da Metropole".

Só não gostamos foi de ver James Dunn chorar, para que o cirurgião attendesse a esposa. Não está natural. E outros detalhes, que não vale á pena falar.

Cotação: — BOM.

PR'A QUE CASAR? (Girl's About Town) — Paramount — Producção de 1931.

Uma Comedia da moderna vida americana. Digo assim, porque no Brasil aquillo que se vê neste Film seria considerado impossivel, em vista dos nossos costumes.

Kay Francis e Lylian Tashman, são as pequenas e nunca vimos Kay tão encantadora. De Lylian, "pr'a que falar"...? Está seductora como sempre.

Eugene Pallete mais uma vez fazendo apostas e o seu namoro com Lylian, é engraçadissimo.

O "romance" de Kay e Joel Mc Créa é mais sério, mas a sério é que ninguem pode levar o final, depois de tanta comedia...

Direcção de George Cukor.

Cotação: — BOM.

O EMBAIXADOR BILL (Ambassador Bill) — Fox — Producção de 1931.

Uma comedia de Will Rogers, muito interessante e engraçada. Will está estupendo! Greta Nisseu e Marguerittе Churchill, são as pequenas. Cuidado com a primeira em certas scenas... Magnifica direcção de Sam Taylor, aliás no seu genero.

Cotação: — BOM.

A IDADE PARA AMAR (The age for love) — United Artists — Producção de 1931.

Um thema cujo estudo é muito discutivel, num Film que agradará á qualquer publico. Billie Dove é a linda heroina. Lois Wilson num papel muito humano. Mary Duncan... não é vampiro. E Charles Starrett (o galã). Edward E. Horton, Cecille Cunningham, Vivien Oakland Alice Moye, Carl Stockdale, completam o elenco. Frank Lloyd foi o director.

Cotação: — BOM.

UM CAPRICHO DE MME. POMPADOUR (Un caprice de la Pompadour) — Prod. Jacques Haik — Producção de 1931 — (Prog. Matarazzo).

Mais um Film de costume. E' um genero que raramente agrada, mas este dos bons. Boa direcção de Willy Wolff. Marcelle Denya é a Pompadour. Não desagrada, mas não é o typo requerido para o personagem. René Marjolle, André Bangé, Madyne Coquelet, Paulette Duvernet, Jacques Christiany e André Mainay, figuram. Jean Rousseliére, de quem tanto falam os criticos francezes, tambem apparece. Boa photographia. Um capricho de Pompadour, mas o publico tambem tem o capricho de não gostar destes Films...

Cotação: — BOM.

DUAS VIDAS (Once a Lady) — Paramount — Producção de 1931.

Refilmagem de "Morta para o mundo", um dos bons Films de Pola Negri, na Paramount, sem o merito desta versão silenciosa, apesar da presença de Ruth Chatterton.

Ivor Novello — que Griffith descobriu ha annos, lembram-se? — Jill Esmond, Geoffrey Kerr, Edith Kingdon, Stella Moore, nos outros papeis.

Direcção de Guthrie Mc Clintic.

Cotação: — REGULAR.

"Duas Vidas"

Um presente do outro mundo!

(FIM)

em que apparecem na tela. Déa agrada e agradará em todas as hypotheses, porque é uma *ingenua-champagne* com personalidade; é adoravel e "Ganga Bruta" vae apresental-a num papel de "it"! Mas principalmente Déa, a "Baby-Star" da Cinedia de 1932, é a lourinha que foi feita para tomar uma permanente bem no camarote principal do coração dos "fans"!

Wynne
Gibson

Como a Griffith fez "O Nascimento de uma Nação"

(FIM)

Durante tres mezes de Filmagem, consecutivos, Billy Bitzer tinha, impressos, 5.000 metros de negativo o que, para os financistas, passou a ser uma audaciosa estravagancia. Talvez elles tivessem a razão... Griffith, e dois directores assitentes de Griffith, Raoul Walsh e Joseph Hennaberry, deram uma rigorosa busca no mesmo negativo e, cortando-o, reduziram os 5.000 a 2.000 e, finalmente, na fórma final de O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO, para 1.500 metros. Algumas das scenas tinham sido tomadas de quinze a vinte vezes antes de approvadas por Griffith e seus jurados...

Sob o titulo de *The Clansman*, O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO teve sua primeira exhibição publica no Auditorio Clune, em Los Angeles, a 8 de Fevereiro de 1915 e a orchestra de Clune realmente deu a Griffith o orgulho de ver o quanto uma synchronização perfeita já então auxiliava um Film. Depois do primeiro successo, que foi violento e impressionante, já ninguem mais duvidou do seu triumpho decisivo e completo.

O presidente Wilson, então na Casa Branca, mostrou desejos de assistir O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO e para lá foi elle transportado, sendo exhibido para o referido presidente, seus secretarios e sua familia, isso a 15 de Fevereiro do mesmo anno. No dia seguinte houve uma nova exhibição para os membros da Suprema Côrte de Justiça e officiaes eminentes de Washington. Apesar disso tudo, os aborrecimentos do productor continuaram...

Antes em Los Angeles e mais tarde em New York, ergueram-se vozes affirmando que o Film era indelicado para com os negros e feito calculadamente para pôr fogo no conflicto de raças. Essas objecções resultaram em acção judicial e a mesma ameaçando prohibir a exhibição do Film em New York. Poucas horas antes da exhibição do mesmo no Liberty Theatre, a 3 de Março de 1915, não se tinha ainda certeza alguma sobre isso, porque ignorava-se ainda o que fariam as autoridades locaes contra o Film. Durante esse periodo, o titulo foi mudado de *The Clansman* para O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO, que, afinal de contas, nunca Griffith approvou.

Falando desses dias aventurescos, quasi, Griffith disse.

— Estava em New York uma semana antes do Liberty estrear o Film e eu queria descanço. Uma tarde eu fui á um theatro, paguei dois *dollars* e me aborreci tremendamente com um espectaculo terrivel. Achei, então, que se um empresario theatral podia cobrar dois *dollars*, para impingir aquillo que eu vira, bocejando, por que não poderia fazer eu o mesmo com meu Film, que, afinal de contas, era mil vezes melhor do que aquillo? Quasi todos discordaram de mim e achavam, todos, que dois *dollars* era um desproposito para um Film. Começamos então annunciando o Film como um espectaculo para dois *dollars* e, na realidade, vendendo as localidaddes a 50 centavos... Depois da primeira exhibição, um successso sem precedentes, nós resolvemos elevar realmente para dois *dollars* o preço de entradas e deu o mesmo resultado phantastico. Foi então que eu me senti realmente satisfeito.

Eu, que escrevo estas linhas, tive a ventura de estar nessa exhibição de dois *dollars*, em New York, da qual fala Griffith acima. Os commentarios eram fortes, realmente, contra aquelle "abuso". Mas depois do Film visto, ninguem mais dizia cousa alguma.

Pelo lado material, O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO rendeu fortunas. O productor, no emtanto, muito pouco recebeu desses lucros... Quando elle fazia o Film, promettia, sem pensar, lucros e mais lucros aos financistas. Quando o Film foi exhibido, os mesmos foram buscar seus capitaes e elle, que tudo fizera, contentava-se com as migalhas que vinha para suas mãos... Elle, no emtanto, jámais se preoccupou com isso. Naquelle tempo já estava todo occupado com os planos de Filmagem de INTOLERANCIA e, dessa fórma, pouco ou nada pensava em lucros e dinheiro, quando seu ideal já tinha novamente ponto de apoio.

Griffith é assim: — respeita o passado, trabalha activamente no presente e olha, avido, o futuro. Está com cincoenta e poucos e ainda enfrenta a vida com toda energia, como se ella estivesse para elle apenas começando. E' um filho genuino e authentico de Jake Griffith, o temperamento lutador e audaz de Kentucky.

Relação dos Films censurados pela nova censura Cinematographica, de 16 a 30 de Junho p. passado.

(FIM)

— The lone ridor (O cavalleiro solitario) — (Drama) — Columbia Pictures U. S. A. — Improprio para menores.

— The case of sergent Chrischa (O caso do sargento Chrischa) — Radio Pictures U. S. A. — Approvado — Improprio para creanças.

— Men in life (Homens em minha vida) — (Drama) — Columbia Pictures U. S. A. — Approvado — Improprio para creanças.

— Meet the wife (O marido de minha esposa) — (Comedia) — Columbia Pictures U. S. A. — Approvado.

Note-se como os Films educativos vão entrando...

Hal Roach fala do Rio...

(FIM)

-lhe que o Rio necessita de muito mais propaganda. Ninguem sabe como é bello e como a gente se pode divertir por lá... Vale a pena qualquer sacrificio e eu, digo-lhe, só se não puder! Mas, para o anno, no Carnaval, estarei no Rio, mais uma vez!" O seu telephone tilintava de minuto em minuto. Eram chamados, entrevistas e, vendo o quanto elle, naturalmente, estava atrazado com compromissos anteriores que a lembrança deliciosa do Rio o fizera adiar ou talvez esquecer, tratei de despedir-me.

Hal Roach, porém, desejou dedicar uma sua photographia aos exhibidores e ao publico brasileiros, fazendo-o por intermedio de *Cinearte*, como diz a dedicatoria, escripta de seu proprio punho.

A nós, de *Cinearte*, não deixa de ser muito agradavel transmittir os votos de felicidade do famoso productor de comedias a todos os exhibidores do Brasil e ao publico, esse publico immenso que se delicia com as comedias do *gordo e do magro*.

E não deixa de ser curioso e interessante notar que, parece, o Rio em signal de gratidão pelo muito que Laurel e Hardy o têm feito rir, tivesse dado ao creador desses dois celebres comicos um Carnaval maravilhoso... A recompensa foi bastante generosa... Não acham?

Futuras estréas

GIRL CRAZY (R K O) — Se você perder esse Film, perderá a "chance" de ver varios de seus predilectos: Bert Wheeler, Robert Woolsey, Dorothy Lee, a intelligente Mitzi Green, Eddie Quillan, o elegante Ivan Lebedeff, Arlene Judge e muitos outros. E Mitzi Green, além disso, faz as susa celebres imitações de George Arliss, Marlene Dietrich, Edna May Oliver e outras. Director, William A. Seiter.

JEKILL E HYDE, MESMO

(Conclusão)

Seguiram-se **A HOMICIDA, O MELHOR DA VIDA** e **HONRA DE AMANTE**. No primeiro esplendido, melhor do que Thomas Meighan na versão original. No segundo, num dos mais notaveis papeis de sua carreira, apenas inferior ao deste Film de Mamoulian já tão falado. No ultimo de novo prejudicado por um bigodão exaggerado e uma direcção descurada, de Dorothy Arzner, se bem que ainda o mesmo bom artista que já hoje não consideramos novidade applaudir.

E dois de seus Films não foram aqui vistos: **PARIS BOUND**, para a Pathé, com Ann Harding e **THE ROYAL FAMILY OF BROADWAY**, para a Paramount, no qual apresentava uma imitação de John Barrymore que todos acharam mais do que perfeita.

E agora entramos pela nova serie de trabalhos seus: — **O ANJO DA NOITE**, com Nancy Carroll. **MEU PECCADO**, com Tallulah Bankhead, **O MEDICO E O MONSTRO**, final. Os dois primeiros, feitos em New York, fracos. A critica cita, no emtanto, o seu esforço desmedido para salvar os mesmos. O ultimo, no emtanto, o ponto climax da sua carreira é a cousa mais notavel que temos visto em Cinema, ultimamente.

Agora já fez elle **STRANGERS IN LOVE**, para a Paramount, dirigido por Lothar Mendes e ao lado de Kay Francis vae figurar ao lado de Norma Shearer, emprestado á M G M, em **SMILINTROUGH**, o **MORRER SORRINDO** que Norma Talmadge fez ha annos.

Eis, rapidamente, a resenha de sua carreira. Não quero fazer nada mais do que isto, aqui. Registrar seus máos trabalhos e registrar seus successos. Elle o merece.

Na vida particular, Fredric March é alguem que seus seus collegas respeitam. Casado ha varios annos com Florence Eldridge, sua companheira de successos theatraes, vive uma vida socegada, feliz, differente da agitação que sempre foi sua carreira. E' norteamericano. Nasceu em Racine, Wisconsin. Tem mais de trinta annos e é, presentemente, um dos artistas cujo simples nome, num cartaz, já leva multidões aos Cinemas.

* * *

Fredric March é um exemplo de coragem e força de vontade. Elle comprehendeu, quando entrou para o Cinema, nitidamente, que ia enfrentar algo onde o successo era a fortuna e o fracasso o arrazamento completo de sua vida. Sentiu o peso das primeiras criticas. Ninguem lhe regateou censuras. John Gilbert, Nils Asther, Valentino, homens assim ainda brilhavam nos cerebros dos **fans** e Fredric March, naquelles tempos, comparados com estes... Que calamidade para elle! Mas faz da perseverança escudo. Ouviu conselhos. Estudou todos os angulos do "negocio". Foi melhorando de Film para Film. Foi reconquistando o publico que seu bigodão assustára. Quando fez o segundo Film com Clara Bow, já era mais apreciado do que ella, quasi... Ruth Chatterton brilhou em **SARAH E SEU FILHO** e Fredric brilhou ao lado della, apesar de muito inferior seu papel ser. Era o Fredric March tenacidade que os **fans** estavam começando a observar.

Hoje, que a victoria já lhe sorri, francamente, nada mais lhe resta sinão seguir a vereda certa do successo integral: — não acceitar o "cargo" de "astro". Não enfrentar as responsabilidades todas de um elenco. Não querer entrar para Films de linha, onde, infallivelmente, se desfaz a possibilidade de todo bom artista. Fredric deve continuar **featured**. Isto é: — figurando com collegas igualmente bons, sob directores de ordens intelligentes, ao lado de operadores notaveis e vivendo assumptos escolhidos a dedo, como são todos onde não haja um nome famoso...

Fazendo isso, pode socegar. Para avaliar seu successo e seu nome brilhante, hoje, vale citar que a M G M teve-o dando em tróca Clark Gable, que jamais pensaram em emprestar, depois que obteve os successos que vem obtendo... E se elle é o Clark Gable da Paramount, não basta só isso para dizer que elle é notavel.

Outra qualidade sua, é, sem duvida, agradar a ambos os sexos. As mulheres acham-no differente, interessante, esplendido. Os homens admiram-no como artista e não vêem nelle nenhum conquistador de olhar de peixe-morto...

Em **O MELHOR DA VIDA** seu papel foi o de um William Haines authentico. Apesar disso, Fredric fez delle uma criação indiscutivel. Estouvado, bohemio, sempre sorrindo, quando, intimamente, chorava aquelle amor infeliz, aquella situação que o separava da mulher desejada... Um trabalho excellente, mais excellente ainda pela direcção de Harry D'Arrast.

E é terminar, agora. Está cumprida a promessa: — resgatar os máos juizos de hontem de accôrdo com a mudança hoje operada no artista. Fredric March, o Hyde de hontem que se transformou no Jekyll dos dias presentes... (E elle era realmente um Hyde authentico, quando appareceu pela primeira vez ao lado de Clara Bow...)

Era de theatro. Hoje é authenticamente Cinematographico e dos melhores, diga-se.

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.º 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO
Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

Maureen O'Sullivan
CINEARTE

Dentes que enfeitem o riso
com brilhos claros de sol...
Pouco, para isto, é preciso:
a Pasta e o Liquido Odol.
Odol
Odol
KOHOUT.
ODOL